

A CONDIÇÃO HUMANA NA FILOSOFIA DE BLAISE PASCAL: O SUJEITO AUTÔNOMO MODERNO E SUA INSUFICIÊNCIA ANTE O MISTÉRIO DE DEUS

Marcio Geraldo de Sousa¹³⁵

Maria Inácia Lopes¹³⁶

“A grandeza do homem está em ele se reconhecer como miserável. Uma árvore não se dá conta da sua miséria.”

Blaise Pasc

RESUMO

O objetivo desse trabalho é analisar a condição humana na obra “Pensamentos” de Blaise Pascal e as indagações que o filósofo faz acerca do homem moderno que busca ser autônomo e dominador da natureza mas ao mesmo tempo é marcado pelo traço do vazio e do nada inscrito no mais profundo do seu ser. Intenta-se analisar o homem paradoxal que carrega em si a grandeza - devido sua capacidade de pensar - e a miséria - devido sua natureza decaída – e propor uma conciliação entre essas duas dimensões através da fé cristã, caminho esse indispensável para uma integração total do ser humano. Por fim, buscar-se-á no aniquilamento do “eu” e na vivência do “eu” de Jesus Cristo a possibilidade de romper com a condição “trágica” em que se encontra o homem e a possibilidade de um dia unir a finitude humana com a infinitude de Deus.

Palavras-chave: grandeza; miséria; razão; insuficiência; homem; Deus; Jesus Cristo.

INTRODUÇÃO

Ao estudarmos o filósofo Blaise Pascal nos deparamos com diversos assuntos que ele abordou, mas embora ele tenha tratado de sortidos temas, variando da epistemologia a geometria, antropologia a teologia, há um princípio que rege todos os assuntos, a saber, a natureza humana. E, segundo o filósofo, dentro do campo da natureza humana há uma situação que deve ser considerada obrigatoriamente dentro desse estudo: a insuficiência do homem.

A noção de insuficiência é central para o pensamento antropológico e epistemológico pascaliano. O que se observa dentro de suas ponderações é que tanto em relação ao conhecimento quanto à ética, assuntos dos quais enfaticamente o filósofo trata, há

¹³⁵ Licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis

¹³⁶ Mestre em Ciências da Educação Superior

na insuficiência humana sua base fundamental, considerando-a como parte essencial da vida do homem.

É impossível elaborarmos um estudo com base filosófica sobre os escritos pascalianos relacionados a temas como ética, conhecimento e salvação sem que seja dada a particular importância a essa questão.

Neste sentido, a proposta deste trabalho é efetuarmos uma reflexão, enfatizando as questões antropológicas, ressaltando a ideia de insuficiência presente na natureza essencial do homem, tendo como base os escritos de Pascal, mais especificamente, a obra *Pensamentos* e a obra *O Homem Insuficiente: Comentários de Antropologia Pascaliana* de Luiz Felipe Pondé.

Para começarmos nosso estudo acerca da condição humana no pensamento pascaliano é importante ressaltarmos que não temos a intenção de abordar esta temática a partir de uma noção pessimista do homem, tal como o fizeram alguns estudiosos de Pascal, que deram demasiada ênfase à miséria humana e não consideraram a sua grandeza espiritual, (como, por exemplo, Luiz Felipe Pondé). Pascal, devido à influência do pensamento agostiniano em suas obras estaria mais próximo do pensamento dos padres do deserto, que enfatizavam como sinal da grandeza humana a capacidade intelectual que poderia levar o homem ao reconhecimento de sua miséria e a buscar assemelhar-se ao seu Criador conhecendo-O.

Ao aproximarmos seu pensamento da patrística oriental, descobriremos muitas nuances e ideias que relacionam o francês aos padres do deserto. E ao traçar um caminho que nos leve a compreender que a insuficiência humana, já identificada como o pecado pelos padres do deserto, está em concordância com a o pensamento pascaliano, descobriremos que a grandeza do homem relacionada à capacidade de pensar passa pelo reconhecimento de Deus.

O homem é como um peregrino no mundo em busca de conhecer algo que o leve de volta para si mesmo. E o que pretendemos com esse trabalho é fazer esse caminho de retorno do homem para o que lhe é essencial e lhe completa. Estudando a obra de Pascal, veremos que o proposto pelo filósofo é um retorno para dentro de si e uma reflexão desse eu interior para o exterior. Pascal nos leva a descobrir no homem onde está a sua grandeza, sua identidade, seu verdadeiro eu camuflado por tantas máscaras sociais, intelectuais e tantas outras que o fizeram perder seu sentido originário da vida.

Para entender como se faz esse caminho de retorno abordaremos primeiramente as questões epistemológicas na filosofia pascaliana. O homem é incapaz de chegar à essência das coisas e aos primeiros princípios, pois a razão não pode compreender os campos que estão para além de suas capacidades demonstrativas. No momento em que a razão reconhece esse

limite ela o rompe e o supera, “a última tentativa da razão é reconhecer que há uma infinidade de coisas que a ultrapassam” (PASCAL, 2005 af. 267).

A situação do homem, segundo Pascal, é de miséria e de grandeza. Na primeira parte desse trabalho esse tema será abordado de forma a percebermos que o homem é insuficiente pelo fato de haver uma carência essencial em seu coração de algo que está para além dele, ou seja, de algo Sobrenatural. Mas também veremos que o homem é grande por perceber essa carência e poder buscar conhecê-la, algo impossível para outros seres que não pensam acerca de sua existência. Essa ambiguidade estará presente em nosso trabalho, devido Pascal estar sempre nessa perspectiva de um homem paradoxal.

Num segundo momento, mais especificamente na segunda parte, trataremos da condição humana na filosofia de Pascal, abordada a partir de reflexões existenciais e antropológicas. A questão fundamental dessa parte é: o homem insuficiente cria um eu suficiente para suprir a carência de estima e admiração que ele adquire ao voltar seu amor para si mesmo? Perdido entre o nada e o infinito, entre a pequenez e a grandeza, o homem imagina outro eu que se adapte ao gosto dos outros homens e que seja digno de estima e admiração. Pascal chega a falar num ódio que o eu cria de si mesmo, pois necessita de outro eu para realizá-lo em sua existência.

Após examinar a formação do “eu odioso” do homem moderno, Pascal nos mostra a condição paradoxal em que se encontra o homem, perdido entre o nada e o infinito. Esse mesmo homem busca, a partir da imaginação, a “grande senhora enganadora”, se desvincular de sua insuficiência e miséria e assumir uma condição de grandeza e suficiência.

Esse homem “suficiente” moderno perde-se da dimensão do sagrado e, assim, veremos como Pascal nos aponta que o homem sem a abertura para Deus se fecha a uma realidade absoluta que transcende a esse mundo e que, aqui se manifestando, o santifica e o torna real. Somente em contato com o sagrado o homem pode ter a possibilidade de um ponto fixo no universo. Acredita ainda que a vida tem uma origem sagrada e que ela se realiza plenamente quando está em união com o mesmo sagrado originador de tudo logo que o homem moderno abdica de tais crenças absolutizando a razão, assumindo uma nova situação existencial onde o sagrado se torna um obstáculo para sua liberdade. O homem quer bastar-se a si próprio se dessacralizando e dessacralizando o mundo. O que antes era sagrado por participar de um todo agora se torna uma sacralização do “eu” se tornando um dominador dos outros “eus”.

Verificaremos que Pascal concorda com Descartes quanto à dualidade do homem que é composto de alma e de corpo. Porém, ele sugere que há uma terceira ordem que é a

caritas como reguladora dessas duas e veremos, ainda, como o orgulho quer revogar para si o lugar da *caritas* e causa a desordem no coração do homem.

Com o orgulho e a desordem o homem, para Pascal, se abandona em divertimentos para não pensar em sua insuficiência e em sua miséria no mundo caótico e vazio de sentido. E com isso cria-se outro paradoxo na condição humana, o homem que busca na agitação o repouso e quando o encontra não é capaz de suportar o tédio que ele produz.

Pascal encontra o equilíbrio da condição humana e a solução para essa dualidade paradoxal na revelação divina. Na revelação cristã o homem pode encontrar a compreensão para seus paradoxos e para as desproporções em que se encontra. Jesus Cristo assume a condição miserável do homem e não perde sua divindade e nele o homem se reencontra com sua natureza perdida e com sua miséria em uma só pessoa. Temos assim, em Jesus, o equilíbrio das três ordens: do corpo, do espírito e da *caritas*.

Todas essas reflexões serão detalhadamente analisadas partindo de uma reflexão, segundo a concepção agostiniana, sobre como se deu o processo da passagem do homem antes do pecado para o homem de natureza decaída após o pecado que é o grande causador da desordem no coração humano. E quando o homem tomou consciência da possibilidade de ser suficiente na natureza sem necessitar de Deus, este foi o momento em que sua suficiência se transformou em insuficiência.

Contudo, veremos que Pascal chegará à conclusão de que para o homem em seu estado de insuficiência a única possibilidade de redenção é apostar na existência de Deus, para ser mais exato, no Deus Cristão. Dessa forma, a filosofia, assim como todas as ciências, é insuficiente para compreender a natureza do homem e, portanto, a busca desse saber se dá no campo da teologia.

Este trabalho está estruturado de tal forma que seja possível ao leitor captar que com a revelação cristã o homem pode ser regenerado de sua insuficiência natural e preencher sua carência ontológica do Sobrenatural. E também que o vácuo latente no coração do homem poderá ser preenchido por Deus que, mesmo se revelando em Jesus Cristo, se esconde alimentando a razão pela busca e também para que essa não venha a cair na presunção de querer dominar seu Criador e sua razão de existir: Deus.

O HOMEM “SUFICIENTE”

Todo filósofo constrói seu pensamento tendo como base uma questão essencial e o problema que dá início à construção do pensamento de Blaise Pascal é semelhante ao de

René Descartes, outro filósofo da Modernidade. Para ambos, o problema consistia em refletirmos sobre em que podemos apoiar nossas certezas e nossas ideias a respeito das coisas.

No entanto, embora o centro do problema seja similar, a solução encontrada por Pascal foi bem diferente da de Descartes. Enquanto Descartes utiliza como base o pensamento e o intelecto, onde o critério para avaliar a certeza de uma ideia é a clareza e a distinção, Pascal parte de um outro princípio, o das evidências e a experiência dos sentidos. Todavia, Pascal, embora nesse princípio se aproxime dos empiristas para fundamentar seus pensamentos, ele se distancia quando afirma que o homem é além do intelecto e dos sentidos e que é preciso levar em conta o homem em sua totalidade, considerando aspectos como o coração (sede do intelecto e das emoções) e os sentimentos e isso faz de Pascal um Filósofo singular da Modernidade.

Vamos abordar as questões epistemológicas oriundas de debates que ocorriam na modernidade acerca da existência e da forma de inteligir a Deus. E, também, demonstraremos como a razão é insuficiente para dar respostas ao homem acerca daquilo que está fora de seu campo de compreensão e que, para chegar a este conhecimento, é preciso tratá-lo na ordem do coração que é a fonte do saber divino e que abre o homem a uma ordem superior, a *caritas*.

Aprofundando nos debates em que Pascal confrontava suas ideias, veremos ainda que a razão é uma marca da grandeza do homem e também o que demonstra a ambiguidade presente em sua constituição pois a capacidade de intelecção é também seu drama existencial por fazê-lo buscar dar razões da sua existência. Esses debates acadêmicos influenciaram na formação do pensamento filosófico de Blaise Pascal e tiveram influências para o homem que se formava no séc. XVII na sua forma de entender como se dá a sua constituição do homem no mundo segundo o pensamento pascaliano.

A grandeza do homem

A modernidade é marcada pela busca de explicar tudo pela razão natural. Todo mistério é tido como algo que não interessa ao homem que agora busca na ação a realização plena de sua vida na natureza. Os modernos elaboram todo seu pensamento a partir do signo da dúvida pelo qual tudo pode ser questionado, até mesmo a existência de Deus. Pascal está no centro desse debate e busca responder às questões do seu tempo à luz de filosofia agostiniana.

Dentro desses questionamentos se destacam, no sec. XVII, duas linhas de pensamento dentro do cristianismo moderno que se enfrentam quanto às concepções acerca de

tópicos ligados à Teologia cristã como a graça divina e a salvação dos cristãos. Dois grandes representantes desse debate eram os libertinos e os jansenistas.

Os libertinos se constituíam de uma série de componentes fundamentais da cultura francesa que tentavam responder aos problemas espirituais da época. Eles assumiam uma postura cética, exterminando todo dogmatismo ou o que pudesse ser obstáculo para a razão. Assim, a religião era seu alvo principal, uma vez que as chamadas verdades religiosas apresentavam raízes básicas na certeza. Neste sentido, a verdadeira religião seria a filosofia.

Já os jansenistas concebiam o cristianismo como a verdadeira religião. Faziam apologia ao cristianismo primitivo e à patrística, em especial a Santo Agostinho, o qual exerce forte influência no grupo dos jansenistas no que se refere à graça divina e à salvação. Os cristãos são “novas criaturas”, ou seja, aqueles que são transformados pela graça e são conduzidos por ela a sair do abismo profundo. Neste sentido, os jansenistas tentam criar uma espiritualidade voltada para a conciliação do pecado e da graça presente no homem.

A religião, segundo posições jansenistas, tem a função de mostrar ao homem sua pequenez, sua miséria, sua fraqueza e, assim, fazê-lo sentir-se como perdido no mundo, sem outra alternativa senão ir para os braços de Deus o qual é seu único refúgio e força. É nesse ponto que Pascal também se fixará a fim de mostrar ao homem sua grandeza e sua miséria, indicando que as contradições e ambiguidades existentes na vida dos homens apenas são passíveis de resolução na medida em que são conciliadas com a força de Deus.

A filosofia mecanicista, desenvolvida ao longo dos seiscentos, propõe uma visão meramente naturalista e imanentista do homem. Mas a verdade é que para Pascal essa visão é reducionista. O homem pascaliano é um ser não meramente natural mas, sobretudo, aberto à transcendência. Por isso Pascal, indo ao encontro do imanentismo moderno, reabilita a questão dos milagres e da ambiguidade constitutiva da existência humana, nem puramente material, nem angélica e espiritual. “O homem não anjo nem animal; e por infelicidade, quem quer ser anjo é animal.” (PASCAL, af. 358)

Pascal faz a distinção entre pequenez natural e grandeza espiritual e demonstra o que o homem tem de mais elevado acima de seu corpo e de suas capacidades naturais: a razão. E, também, o que ele tem de menor: sua extensão. Com essa distinção Pascal nos aponta que o homem possui um potencial espiritual que ultrapassa suas simples capacidades naturais e, dessa forma, o pensamento lhe dá uma superioridade sobre a natureza.

Posso conceber um homem sem mãos, pés, cabeça (pois só a experiência nos ensina que a cabeça é mais necessária do que os pés); mas não posso

conceber o homem sem pensamento: seria uma pedra ou um animal. Mesmo que o universo o esmagasse, o homem seria ainda mais nobre do que quem o mata, por que sabe que morre e a vantagem que o universo tem sobre ele; o universo desconhece tudo isso (PASCAL, af. 339).

Semelhante a Pascal, os padres do deserto concebiam que o intelecto era o que levava o homem a uma divinização, a buscar assemelhar-se a Deus e, também, capacitava o homem a transcender esse mundo e, assim, conduzi-lo aos mais altos patamares da contemplação do mundo e de si mesmo. Para Clemente de Alexandria a contemplação tinha um caráter fortemente intelectualista no qual a bem-aventurança era a compreensão plena do incompreensível (OLIVIER, 2003, p. 27). Dessa forma, o intelecto era tratado como uma grandeza humana pois podia dar ao homem a capacidade de compreender a si mesmo e de assemelhar-se ao seu criador, algo impossível a qualquer outro ser da natureza que não se abria para a transcendência desse mundo.

Pascal nos aponta a grandeza da razão ante a natureza, - herança cartesiana – mas sem deixar de considerar que o homem está fadado a permanecer no seu estado de miséria, ou seja, o homem, para ser grande, deve reconhecer suas fraquezas e misérias pois o conhecimento não o liberta de sua insuficiência. Desse modo, Pascal compara o homem a uma árvore que não é capaz de saber de sua miséria e, por isso, o homem lhe é superior. Com isso, essa concepção de grandeza no pensamento pascaliano nos remete a um tema muito caro à patrística e ao pensamento de Pascal que é a humildade. Somente se rebaixando e considerando a grandeza de Deus e a miséria da condição humana é que o homem pode se desvincular de sua natureza insuficiente e buscar em Deus suprir a carência de transcendência no seu coração.

São Francisco de Assis identifica essa grandeza insuficiente do homem ao elevar a pobreza acima de qualquer outro bem terreno. O Santo nos demonstra, símile a Pascal, que a grandeza do homem está em tudo perder para encontrar-se com o Tudo, o Infinito, o Sumo Bem. São Francisco percebe na natureza decaída do homem a necessidade de fundar toda a vida fora dessa vida pessoal e assume isso de forma concreta com a Pessoa de Jesus Cristo. É aí que reside a grandeza do homem, nada possuir e participar do que possui tudo e, no caso de Pascal, nada conhecer e participar da vida do que conhece tudo. Percebemos que Jesus é o único que une a natureza decaída com a natureza divina e, portanto, dignifica o homem a partir de sua revelação. Desse assunto trataremos posteriormente.

A humildade dá ao homem a capacidade de fugir do orgulho que, como veremos mais adiante, é uma das maiores causas da desordem da condição humana. São João

Cassiano nos aponta o orgulho como causador de todos os pecados no coração do homem e, inclusive, foi a partir do orgulho que houve a queda dos anjos que não quiseram adorar a Deus. “Como uma praga mortal destrói não apenas um membro do corpo, mas o seu todo, assim o orgulho corrompe a alma, não uma parte dela” (São João Cassiano)¹³⁷. Pascal identifica o orgulho como causador da desordem na vida do homem pois ele, quando habitando em seu coração, causa uma disjunção nos elementos constitutivos de sua humanidade que só poderá ser reabilitada através da *caritas*.

Contudo, percebemos que o pensamento é a essência do homem porque o eleva de sua miséria natural e o faz ter consciência de sua miséria essencial. Todavia, chegamos a outro ponto importante de nossa discussão: até onde vai essa capacidade humana de pensar e estabelecer conceitos acerca do mundo e da existência? Quais são os limites da razão humana? Trataremos dessas questões epistemológicas na filosofia pascaliana, pois o estudo da condição humana nos leva a meditar acerca das possibilidades e dos limites do conhecimento racional.

Os limites da Razão

O primeiro dado importante a ser considerado nesse tópico acerca dos limites da razão é o contexto histórico e o debate epistemológico que se trava no século XVII. O período é marcado pelas confusões oriundas do debate teológico entre Cristãos Católicos e Reformados. Estas “brigas” acabaram por gerar uma esperança de alguns filósofos em encontrar refúgio não mais somente nas Sagradas Escrituras mas na Natureza. Inicia-se, então, um processo de advogar a primazia do espírito científico.

Também encontramos neste período um forte apelo ao subjetivismo, ou seja, uma superioridade que é atribuída ao sujeito livrando-o de toda e qualquer dependência da Igreja. Dessa forma, a razão para o homem moderno é concebida como ciência aonde saber é poder. Sendo assim, neste período, “a ciência recebe do homem a força de, inclusive, ser uma transformadora da realidade” (CHAUI, 1995, p. 95).

Não é disto que surge um movimento ateuista, visto que, por exemplo, obras de Kepler, Descartes, Fermat, dentre outros, que marcaram o início do período moderno, não são obras anti-cristãs. Trata-se de obras revestidas de um caráter libertário, que indica a capacidade de se chegar à verdade nos despidendo de nossos preconceitos, questionando nossos

¹³⁷ Retirado de teologiabizantina@blogspot.com.br acessado em 10/10/2012

hábitos de pensamento mais arraigados e procurando um critério de verdade que não esteja apoiado nem na autoridade da tradição científica inspirada em Aristóteles, nem na autoridade Bíblica.

A grande questão que emerge neste período é: como buscar, via racionalidade e questionamentos acerca de hábitos de pensamento mais arraigados, um critério puro de verdade, ou seja, algo indubitável? E qual seria, então, o critério seguro mediante o qual o conhecimento poderia se apoiar? Para os modernos este critério seria a evidência matemática. Critério esse que marca fortemente o período moderno, o cálculo.

É a partir desta atitude libertadora e calculista em que o mundo moderno se encontra que o filósofo René Descartes, grande expoente da filosofia moderna, introduz na época um novo tipo de saber centrado sobre o homem e sobre a racionalidade humana. Ele representa uma tentativa de emancipação do espírito racional de todo e qualquer preconceito teológico e aristotélico.

Pascal era matemático e não tinha em seu pensamento a evidência matemática como a soberana, como critério seguro para o conhecimento. Se por um lado Descartes representa o espírito humanista e a crença de que a ciência poderá salvar os homens da dúvida semeada pela Reforma Protestante, por outro Pascal não confia à ciência essa tarefa contrariando em parte o método cartesiano.

Enquanto Descartes indicava a ciência como meio para se chegar à verdade e afirmava que podemos conhecer o homem fazendo uma ciência dele mesmo (MORENTE, 1989, p. 20), Pascal iria se opor a ele ao afirmar que a ciência em si não chega à totalidade do fatos, ou seja, não podemos chegar aos primeiros princípios e não podemos conhecer o homem pela ciência (PASCAL, 2005, p. 21).

Pascal, em sua filosofia, achava um absurdo, uma arrogância humana buscar conhecer o princípio primeiro (NICOLA, 2005, p. 242). A única coisa que possibilita chegar à perfeição da alma é a misericórdia divina. Não há plenitude sem Deus. E, sendo assim, o homem não é um ser meramente natural, como afirmava Descartes mas, sobretudo, é um ser sobrenatural e isto justifica o seu ceticismo quanto à ciência pretender conhecer o homem (NICOLA, 2005, p. 243). Além disso, a ciência, segundo ele, não livra o homem das incertezas e só “chega-se à certeza do mundo a partir da certeza de Deus” (ZILLES, 1991, p. 30).

Se Descartes afirma ser possível conhecer o “mundo”, a ciência pascaliana só pode falar daquilo que é observado e, com isso, o universo é muito reduzido. Se por um lado Descartes tenta fundar a fé como “fundamento filosófico da religião cristã” (ibidem) a partir

da certeza de si mesmo, Pascal não irá se dirigir à razão para demonstrar e convencer nada e nem ninguém, mas o coração.

Não pretendemos aprofundar nas querelas entre Pascal e Descartes, visto que não é o objetivo desse trabalho; porém, cabe fazer uma ressalva de que não se trata somente de uma questão epistemológica mas, também, Antropológica onde a capacidade limitada de conhecimento racional do homem demonstra também quem ele é, ou melhor, sua condição insuficiente. Dessa forma, a razão só pode conhecer aquilo que está em sua capacidade finita, o mais é obra da imaginação ou da vontade, temas que serão abordados mais detalhadamente em outro tópico.

A insuficiência da razão é uma das marcas mais contundentes da limitação humana para Pascal, pois é aí que também se constata a insuficiência da natureza humana. Com isso, o filósofo busca explicar teologicamente, a partir da concepção agostiniana de pecado original e do livre arbítrio, essa situação de insuficiência da razão como marca da natureza decaída do homem. Segundo Pascal o homem, enquanto estava em sua primeira natureza e conhecia Deus, tinha acesso direto ao conhecimento infinito pois não havia corrupção dessa natureza. Quando o homem cai em pecado ele é privado da contemplação de Deus que se “esconde” e, por isso, o homem fica a mercê de sua natureza corrompida e busca deixar de fazer parte de um plano divino para tornar-se puramente carnal e, portanto, limitado e insuficiente.

Criei o homem santo, inocente, perfeito; enchi-o de luz e de inteligência; comuniquei-lhe minha glória e minhas maravilhas. Os olhos do homem viam, então, a majestade de Deus. Não se achava nas trevas que o cegam, nem na mortalidade e nas misérias que o afligem. Mas não pôde manter tanta glória sem cair na presunção. Quis tornar-se o centro de si mesmo, independente do meu socorro. Subtraiu-se ao meu domínio; igualando-se a mim pelo desejo de encontrar a sua felicidade em si mesmo, abandonei-o; (...) de maneira que hoje, o homem tornou-se semelhante aos animais, e num tal afastamento de mim que apenas lhe resta uma luz confusa do seu autor, de tal forma se extinguiram ou perturbaram todos os seus conhecimentos! (PASCAL, af. 430).

Percebemos que ainda resta uma “luz confusa de seu autor”, que é Deus, e que o afastamento desse “autor” causou o afastamento de si mesmo. Mais adiante veremos como a corrupção gerou muitas outras debilidades no homem que agora tem que lidar com sua miséria e como é possível superá-la.

Há uma contrariedade entre o pensamento de Pascal e os novos projetos intelectuais modernos. De um lado vemos o homem voltando-se para si mesmo, caindo em

um subjetivismo que só faz com que o homem se perca mais de si e se afaste de seu Criador. De outro, temos Pascal, um grande matemático e filósofo que abandonou todos os círculos intelectuais de sua época para buscar o verdadeiro conhecimento fora do racionalismo e das certezas “claras e distintas”. Algo que só seria possível conhecendo uma natureza que não fosse a sua e lhe desse um conhecimento mais seguro e indubitável que o de sua insuficiente razão.

Pascal aponta que Descartes, Montaigne e Epicteto não conseguiram lidar com o que estava para além de suas capacidades intelectuais e acabaram criando conceitos e definições para verdades que não estão no campo filosófico e, sim, na “verdadeira religião” que se revelou em sua máxima totalidade em Jesus Cristo. “Os filósofos decididamente nada conhecem de nossa natureza”. (PASCAL, af. 463). Para o francês, somente com a abertura para a revelação divina o homem poderia ter acesso ao conhecimento de sua natureza insuficiente e, ao mesmo tempo, para sua natureza divina perdida com o pecado original. Por isso, somente o conhecimento de Jesus Cristo poderia dar ao homem a capacidade de transcender a esse mundo e ter acesso a uma verdade infinita e universal, como nos sugere Agostinho em uma célebre passagem do “Livre Arbitrio”.

Se essa verdade fosse da mesma natureza que a nossa mente, seria também ela sujeita ao devir. Se a verdade permanece sempre inalterada, não ganha nada quando vemos mais claramente, mas intacta e sã continua a iluminar os que têm o olhar fixo sobre ela e, de modo contrário, pune com a escuridão os que viram o olhar para outro lugar. Além disso, julgamos o nosso conhecimento mediante a verdade, mas não podemos nunca submeter a juízo a própria verdade. Dizemos, por exemplo, que nossa mente entende menos daquilo que deveria entender, ou então que não compreende quanto deveria compreender; porém a mente deveria compreender mais enquanto se aproxima e entra em contato com a verdade eterna. Portanto, se a verdade não é nem inferior nem igual a nossa mente, ela deve ser mais elevada e mais nobre (AGOSTINHO,).

Um dos primeiros fatores que leva Pascal a acreditar que a revelação é a única fonte de verdade é que dificilmente a ciência pode criar uma verdade universal para tudo, para ele cada caso exige um método e com isso uma experiência diferente. Cada um dos métodos revela um dom do espírito diferente e somente em Jesus Cristo, embora seja ininteligível para os critérios humanos e venha de fora do humano, o homem seria capaz de esclarecer os mistérios acerca de si mesmo e alcançar uma universalidade no tempo e no conhecimento.

Quando a razão assume sua insuficiência diante dos mistérios da fé, ela se abre para buscar uma nova compreensão de sua natureza e isso faz com que ela reconheça sua verdadeira grandeza e se cale diante do mistério que se apresenta para contemplá-lo. Pascal, ao apontar os limites da razão e a abertura para o conhecimento com base na fé, sugere que é

preciso buscar as certezas não com os sentidos nem com a ciência, mas com o coração que é fonte dos sentimentos e da inteligência do homem e o único que se abre para as questões da fé sem a arrogância de buscar certezas desnecessárias pois possui certezas maiores que ultrapassam a própria razão.

Conhecimentos do Coração

Um aforismo de Pascal (af. 277) que ficou bastante conhecido é: “o coração tem suas razões que a razão desconhece”. Neste pensamento o filósofo francês cita por duas vezes e com diferentes significados a palavra razão. De um lado ele fala de uma razão que pertence ao coração, de outro ele distancia a razão do coração. Tudo isto para indicar que o coração tem suas próprias razões, ou seja, as emoções, os sentimentos, as paixões são causas de muito do que fazemos, dizemos, queremos e pensamos. Com isso ele difere a consciência intelectual das paixões e sentimentos.

No entanto, não podemos considerar que o sentimento tão valorizado por Pascal seja confundido com sentimentalismo. Ao contrário, sentimento é considerado por ele como sendo um conhecimento intuitivo imediato, o que difere da razão que é um conhecimento por conclusões, mediado.

Pascal opõe o coração à razão, mas com a palavra coração não designa o irracional-emocional em oposição ao lógico-racional. A palavra coração designa o núcleo ou o centro da pessoa humana (ZILLES, 1991, p. 35)

Partindo não mais somente do sujeito, Pascal nos mostra que a única certeza que possuímos é a nossa incerteza. A dúvida com relação ao destino da alma do homem perdura por toda a vida. Pascal até afirma ser a ciência geométrica um conhecimento superior, mas de maneira alguma o é absoluto, visto que um conhecimento absoluto implicaria conhecer a totalidade da Natureza (MONDIN, 1981, p. 95).

O filósofo Pascal excluiu a possibilidade de demonstrar a existência de Deus por meio de argumentos lógicos ou de considerações racionais sobre a perfeição da natureza, que por si só não provam a obra de um divino criador e só se mostram decisivas aos olhos de quem já escolheu a fé internamente (NICOLA, 2005, p. 242).

Essa discussão acerca do conhecimento intuitivo e do conhecimento geométrico se relaciona à questão cartesiana do conhecimento de Deus. Descartes afirmava ser possível

chegar ao conhecimento de Deus por via da razão. Ele define Deus como uma substância clara e distinta, como a única coisa certa de conhecimento que o homem pode adquirir.

A base de todo saber cartesiano é a certeza do *cogito*, ou seja, de que eu sou um ser que pensa, duvida, concebe, afirma, nega, que quer, que não quer, que imagina e que sente (MORENTE, 1989, p. 19). A verdade do cogito significa a verdade do sujeito. Para Descartes, se ficarmos presos à verdade do cogito não poderemos então prosseguir e o sujeito cartesiano cairia então num profundo solipsismo, visto que só se tem certeza de sua existência (MORENTE, 1989, p. 19). Enfim, o que fazer se só soubermos da nossa existência?

Encontrando em si a ideia de infinitude e perfeição Descartes afirma que estas ideias não poderiam ser originadas nele que, por sua vez, é finito e imperfeito. Logo, há um ser infinito e perfeito que nos originou tais ideias e este ser ele chama-o de Deus.

Para o filósofo a existência de Deus é uma ideia inata e ele consiste numa substância infinita, eterna, imutável, independente, onisciente e da qual eu mesmo e todas as outras coisas existentes fomos criados. Esta existência é provada por Descartes, segundo Morente (1989), através de três argumentos:

- 1º Argumento – Pela simples consideração da ideia de ser perfeito

Porque existe a simples ideia de um ser perfeito e infinito, daí resulta que esse ser necessariamente tem que existir

- 2º Argumento – eu existo com uma existência contingente

Se me descobri como eu pensante e não consigo perceber o fundamento da minha existência, sendo ela indeterminada, acabarei sempre admitindo um ser, uma existência (Deus) que seja o fundamento da minha existência.

- 3º Argumento – Argumento ontológico

O terceiro argumento, e o mais consistente para Descartes, é a prova ontológica de Santo Anselmo que o filósofo resgata por achá-la bastante válida. Sendo a existência parte integrante da essência não é possível ter a ideia de Deus sem simultaneamente admitir sua existência. A existência é inseparável de Deus e, portanto, Deus existe.

Sendo assim, Deus é a garantia de todas as verdades claras e distintas, mas ele deixa-me livre para que eu continue tendo ideias confusas e obscuras. Cabe, então, a nós, buscar afirmar somente as ideias claras e distintas. Todavia, afirmando somente estas últimas ideias saberíamos muito pouco, mas o que realmente importa é que o que saibamos seja verdadeiro e consistente, ou seja, não apresente dúvidas.

Logo, na concepção cartesiana podemos pensar Deus como um fundamento epistemológico, ou seja, uma justificação para a ciência. Ele é a certeza, ou melhor, a garantia

de que todas as coisas que penso não são ilusórias visto que Deus não pode me enganar por ser perfeitoíssimo.

Ao contrário de Descartes, Pascal não vai construir nenhum sistema metafísico a partir das evidências e clarezas dos atributos de Deus e da imortalidade da alma. Aliás, alguns comentadores dizem que Pascal não construiu metafísica nenhuma. Porém, não vamos tratar da metafísica pascaliana, pois nosso interesse é nos determos na crítica que Pascal faz à metafísica cartesiana para entendermos as questões do coração no pensamento do francês.

Dessa forma Pascal, ao questionar Descartes, aponta que as questões da imortalidade da alma, dos atributos de Deus e dos primeiros princípios são de ordem do conhecimento do coração e não da razão. “Eis o que é a fé: Deus sensível ao coração, não à razão” (PASCAL af. 277). Por isso, o ele vai desmontar a metafísica cartesiana, principalmente porque considera uma arrogância de Descartes tentar provar a existência de Deus simplesmente para dar segurança a suas afirmações absurdas. Também denunciará Descartes por tentar criar um modelo metafísico que tenta demonstrar a existência de Deus com um sistema matemático, excluindo Jesus Cristo como mediador.

Descartes, aos olhos de Pascal, bem que tentou passar em sua filosofia sem Deus, por isso acusa-o Pascal: Descartes precisou recorrer a Deus apenas para dar o piparote para pôr o mundo em movimento: “Não posso perdoar Descartes; bem quisera ele, em toda sua filosofia, passar sem Deus, mas não pôde evitar fazê-lo dar um piparote para pôr o mundo em movimento; depois do que não precisa mais de Deus” (PASCAL af. 177).

Pascal demonstra que há razões e certos efeitos para tudo, os efeitos são visíveis aos olhos enquanto as razões só são possíveis ao espírito. Não se trata de um não saber, mas um saber ver o que está para além da compreensão da razão. Para isso, é necessário ter um coração inclinado para o que está para além do nosso saber racional. Aqueles que tentaram compreender o homem somente pela razão e desconsideraram o que escapava à lógica têm, na verdade, medo de compreendê-lo. De forma que o homem tem medo do não-saber e pode com isso inventar conceitos que dão seguranças ao mundo de inseguranças em que vive.

Dessa forma voltamos à questão inicial desse tópico, não é somente pela razão que o homem chega ao conhecimento de Deus mas pela via do coração. Primeiro Pascal chamou esse conhecimento de “instinto”. “Apesar de todas as misérias pelas quais somos afligidos e oprimidos, temos um instinto irreprimível que nos eleva.” (PASCAL, af. 430). Só que o que ele tem em mente é mais do que instinto porque engloba a noção de amor, então ele tenta a “caridade”, amor a Deus e ao próximo. Mas a caridade poderia prescindir de Deus.

Assim, depois de uma exaustiva busca por esse “não sei que” que dá sentido ao homem e que está relacionado ao saber intuitivo, Pascal escreve em um pedaço de papel as seguintes palavras: “Coração. Instinto. Princípios” (PASCAL af. 281). Chegou aonde queria na palavra “coração”. “Não se pode encontrar Deus a não ser procurando-O de todo coração. [...] A certeza não é para o coração”. É preciso que o homem tenha o coração inclinado por Deus.

A noção de coração como sede das emoções e dos pensamentos nos remete novamente ao pensamento cristão dos monges do deserto. Para esses, ter um coração centrado significava sair da dispersão do mental, dos pensamentos que vão e vêm. O coração tem a função de integração da personalidade, ou seja, integrar a vida e o intelecto, donde essa experiência de “fazer o intelecto descer até o coração” aproxima o homem do coração de Cristo e o afasta do olhar julgador e orgulhoso que criou de si mesmo.

Por isso os judeus que esperavam sinais visíveis da divindade do messias e achavam que tais sinais se dariam na ordem de grandeza material não abriram o coração para compreender a revelação de Jesus Cristo impossibilitando Deus de ali depositar as marcas divinas. Eles estavam com o coração endurecido, assim como muitos outros que também não aceitaram que essa razão transcendia a razão pura e era preciso abrir o coração para que ali se colocasse as marcas divinas da *caritas*.

Dessa forma o coração expressa o dom de Deus que se relaciona às verdades eternas. Já as verdades racionais são alcançadas pelo esforço humano e, por isso, são limitadas. Pascal coloca a racionalidade abaixo das realidades que o coração propicia, sendo que só é possível alcançar as verdades elevadas, sublimes, quando nossa mente é elevada por um impulso onipotente, ou seja, pela fé. Porém, negar a razão é absurdo, pois a razão ilumina e serve de meio para reconhecermos nossa miséria e se dobrar diante do mistério de Deus. Também considerar somente a razão é vão, por que é insuficiente, não pode dar respostas a tudo e, por isso, não pode ser garantia de completude. Dessa forma, exclui-se a possibilidade de fideísmo ou naturalismo no pensamento pascaliano, visto que a fé e a razão não se excluem, mas se complementam.

Percebe-se como a filosofia cartesiana teve forte influência no pensamento de Pascal e que, a partir da tentativa de responder as questões racionais de sua época, Pascal elabora a ideia de conhecimento do coração e daí muitos outros conceitos importantes na análise da condição humana. Também, verifica-se a necessidade de transcender aos limites da razão para buscar no coração as respostas a questões que estão distantes de nossa compreensão limitada. Com isso, conclui-se do pensamento pascaliano acerca do

conhecimento do coração que os limites da razão e a abertura para os conhecimentos do coração não só marcam a insuficiência humana como também demonstram sua grandeza, pois reconhecer a insuficiência é uma grandeza já que é no reconhecimento humilde da insuficiência que habita a suficiência do homem, e o coração é o órgão propulsor desse reconhecimento.

O homem insuficiente moderno

Pascal se dedicou muito aos estudos científicos e muito contribuiu para áreas como matemática, física e a geometria. Em suas análises constata que existem grandes desproporções no universo: a linha e o ponto. A linha que representa o infinitamente grande, e o ponto o infinitamente pequeno. Também o tempo, que pode ser dividido infinitamente. E, por fim, o espaço, que também pode sofrer uma divisão infinita. A tudo isso ele reconhece que pode ser acrescido ou diminuído infinitamente, tema tratado em sua obra *Do espírito geométrico* aos seus alunos de Port-Royal.

Ao levantar a possibilidade do infinito Pascal leva o homem a tomar consciência de sua limitação pois o ser humano tem essa noção do infinito mais não pode demonstrá-la racionalmente. Dessa forma, a razão não poderia mostrar aos sentidos o infinito e mesmo assim ele não deixa de existir. Essa é uma importante constatação para que o homem possa se abrir às verdades que ultrapassam os limites da compreensão racional e aceitar a insuficiência humana ante o infinito de conhecimentos que se apresentam diante dele.

Se acharem estranho que um espaço pequeno tem tantas partes quanto um grande, deverão entender também que elas são proporcionalmente menores; e que olhem para o firmamento através de um pedacinho de vidro para se familiarizarem com esse conhecimento vendo cada parte do céu em cada parte do vidro. Mas se não conseguirem compreender a possibilidade de tais partes – tão pequenas que são imperceptíveis para nós- sejam tão divididas como o firmamento, o melhor remédio será pedir-lhes que olhem com lentes capazes de aumentar esse ponto miúdo até transformá-lo em prodigiosa massa (ATTALI, 2003 p. 260).

Diante da apresentação dessa limitação da razão humana acredita-se obter uma primeira orientação para o objetivo desse estudo: entender a condição humana na filosofia pascaliana, a saber, sua insuficiência natural e fazer um caminho de retorno do homem para si mesmo.

Continuando na noção de infinito, Pascal conclui que a mesma desproporção ocorrida no espaço, no tempo e na geometria ocorre na condição do homem que é desesperadora diante desses dois infinitos que o cercam. De um lado, a visão de um homem infinitamente pequeno comparado à imensidão do universo que o cerca. De outro, a visão de um homem infinitamente grande frente às partículas minúsculas de átomos que o formam.

O homem é um peregrino que está a vagar entre o nada do qual ele foi tirado e o mistério que o espera com a realidade de sua finitude. Encontra-se a vagar entre dois espaços infinitos e incompreensíveis para a razão, ignorando essa questão, pois ele se acha grande e suficiente para abarcar todo conhecimento do mundo e descarta aquilo que não está no seu campo de compreensão sensível. Mas, para Pascal, “O que é incompreensível não deixa de existir” (PASCAL, af. 268). E diante dessa complexidade de compreensão do universo Pascal, mais uma, vez ressalta a insuficiência humana observando que o homem está “Infinitamente distante de compreender os extremos, pois ele é incapaz de ver o nada de onde foi tirado e o infinito em que é engolido”(PASCAL, af. 72).

Ao ver a cegueira do homem e a miséria do homem, ao olhar todo universo mudo e o homem sem luz, entregue a si mesmo e como que perdido neste canto do universo sem saber quem aqui o pôs, o que veio fazer, o que será dele quando morrer, incapaz de qualquer conhecimento, sinto-me tão apavorado quanto um homem que, carregado adormecido para uma ilha deserta e medonha acordasse sem saber onde está e sem meios de sair de lá (PASCAL, af. 693)

Na reflexão acerca do universo e o homem Pascal considera o caráter insuficiente da existência humana que marca essa relação onde a razão se depara com algo que a ultrapassa infinitamente e o homem se encontra em desproporção com o “universo que com sua infinitude o abarca”. Essa insuficiência gera no homem uma busca incessante por algo que dê, no mínimo, uma explicação para esse caos que se apresenta pois o homem treme diante do desconhecido. Com isso brota em seu coração uma carência do Sobrenatural, ou seja, de algo que dê esperança de sair da pura imanência e que abra o homem à transcendência dessa mera existência finita e desproporcional.

O filósofo Luiz Felipe Pondé, em sua obra *O homem insuficiente*, faz um estudo detalhado dessa situação dentro da filosofia pascaliana, onde o homem se encontra carente de algo que o complete e que está em outro campo, fora dos moldes racionais e subjetivistas do sec. XVII. Esse assunto aqui não é tratado na mesma perspectiva de Pondé, que não sai do campo da insuficiência e assume uma postura pessimista com relação ao homem. O presente

trabalho procura mostrar que o homem com Deus é capaz de superar essa condição de insuficiência sem se desligar da necessidade de estar unido a Deus. Uma forma de suficiência na insuficiência.

A ideia de insuficiência na filosofia pascaliana difere-se da noção de insuficiência dos humanistas influenciados por Pico de la Mirandola que entendia essa insuficiência como uma “incerteza da definição da natureza humana por uma superabundância de potências” (PONDE, 2001 p. 21). A insuficiência na definição de Pascal nos remete à carência ontológica presente na natureza humana, carência de algo que está para além desse mundo.

Essa carência do Sobrenatural no pensamento pascaliano nos remete à influência do pensamento agostiniano acerca da condição humana no pensamento de Pascal. Segundo Agostinho o homem está no cativo da Babilônia, ou seja, o mundo não é o lar do homem e sua felicidade está para além desse mundo porque a natureza nunca será suficiente para completá-lo pois ele aspira bem mais do que a simples satisfação humana. Dessa forma, o homem não deve limitar-se à realidade imanente, mas transcendê-la, visto essa não ser capaz de preencher sua carência ontológica do Sobrenatural: “A natureza pura não é o seu lar [...] o homem não cabe na natureza” (PONDE, 2004, p. 16).

O homem carrega ontologicamente essa carência do Sobrenatural, pois necessita de algo que esteja para além desse mundo e que o retire da miséria de estar perdido “neste canto do universo sem saber quem aqui o pôs, o que veio fazer, o que será dele quando morrer, incapaz de qualquer conhecimento” (PASCAL, af. 693).

A natureza conduz o homem ao relativismo pois não existe absoluto na natureza, tudo está numa constante mudança. Somente com a abertura para o Sobrenatural é possível uma universalidade, lembrando que se trata de uma universalidade não no sentido de um saber universal e, sim, algo que está fora da natureza e que conduz o homem a uma vida ética com valores imutáveis. Os santos expressam essa universalidade. Em qualquer época ou região é possível viver como São Francisco, por exemplo.

A busca incessante na natureza, de algo que preencha a carência do homem compõe outra marca da sua insuficiência humana pois o homem nunca se sente completo, sempre está em busca de algo. Na modernidade isso é bem explícito pois o homem ama algo pelo desejo que move esse amor, não mais porque ele é bom ou divino. A natureza e o trabalho criam sempre novos desejos que nunca vão suprir a carência humana. Nesse período há a afirmação do movimento em contradição com a quietude. A devoção moderna é que a vida é o movimento do homem. E isso culminará com o mecanicismo e o homem reificado.

Esse desejo insaciável humano parte de sua carência ontológica que, quando na modernidade, se afirma no devir e a mutabilidade ocorre numa desvalorização do sujeito. Descartes, por exemplo, parte do sujeito mas não diz o que é o sujeito nem o que não é o sujeito. Por isso, não adianta ter respostas claras e distintas para tudo se não se sabe nada sobre a alma ou sobre a essência humana. Dessa forma, percebemos que o mundo nunca vai comportar a alma humana, e mesmo que se conheça todo o mundo o homem pode ser vazio interiormente.

Percebe-se que Pascal não propõe uma visão gnóstica de um mundo mal e uma libertação pelo conhecimento, como já foi tentado fazer com o seu pensamento. Sua questão se concentra na mudança ocorrida no sec. XVII quando o homem abandona os bens divinos e imutáveis e passa a cultivar bens terrenos e mutáveis; começa a procurar fora o que só será capaz de encontrar dentro de si e procura na natureza aquilo que está fora dela, no sobrenatural. Com essa inversão, nota-se a crise ética, moral e religiosa instaurada na sociedade moderna. “Se não existem valores de bem e mal em si mesmos e o que importa é a força do desejo que engendra movimento, tudo é permitido”¹³⁸.

Ao longo do desenvolvimento do pensamento moderno, principalmente com Descartes, o sujeito se torna uma simples máquina de pensar que busca incessantemente algo que preencha essa lacuna em sua existência. Ele busca se libertar da insuficiência pelo conhecimento científico, sendo vítima de outro fator que demonstra a insuficiência humana: a imaginação. Faculdade que pode ser considerada motriz da insuficiência humana. É a Imaginação a grande enganadora que vai afastar o homem da verdade sobre si e impossibilitar que ele reconheça sua natureza verdadeira insuficiente e miserável. Esse conceito será abordado detalhadamente mais à frente.

Contudo, reconhecemos no pensamento pascaliano um apelo para que o homem reconheça sua insuficiência sem tentar mascará-la ou preenchê-la com outras coisas que estão externas a ela. Esse mascaramento culminará com a perda dos valores mais importantes para a felicidade nesta vida e para uma possível existência depois dela. Não se trata de uma aceitação do destino e, sim, uma luta alegre e confiante de que a graça divina pode lhe garantir uma felicidade eterna, mesmo que seja no último momento da vida.

¹³⁸ D'ABREU, Rochelle Cysne Frota. **Breve abordagem de aspectos religiosos em Pascal e Dostoievski.** Texto da aula apresentada em junho de 2000 na UCB. Não publicado.

A CONSTITUIÇÃO DO HOMEM NA MODERNIDADE

O homem Deus de si mesmo – Drama moderno

Como visto a questão de Deus na modernidade envolvia diversos campos do conhecimento, principalmente com relação à forma do homem conhecê-lo, por isso tanto apelo às questões epistemológicas. Agora o presente trabalho buscará deter-se nas questões voltadas para o campo antropológico da filosofia pascaliana e, também, questionar acerca das novidades humanistas e libertinas que ansiavam por um homem novo distinto de todos os outros passados.

Pascal está no centro desse debate, principalmente em seu mais famoso livro *Pensamentos*, onde o autor dedica vários capítulos a explicitar a condição humana e a sua insuficiência. Nesse livro, o francês destrinchou o homem em toda a sua grandeza e também em sua miséria. Pascal quis retirar todas as máscaras do homem para que ele pudesse se enxergar sem nenhum disfarce. Pretendia levar o homem a reconhecer a razoabilidade de buscar, dentro de si, Aquele que pode dar um sentido pleno a sua existência, Deus.

São as enganações criadas de si mesmo que fazem do homem um ser que foge e tem horror da verdade sobre si “[...] cria um ódio mortal contra essa verdade que o repreende e o convence de seus defeitos.”(PASCAL, af. 100). Esse é um dos paradoxos que marcam a antropologia pascaliana: um homem que quer ser objeto do amor de todos, mas que tem horror a si mesmo, que quer ser grande mas sabe de sua pequenez, é cheio de defeitos e deseja ser perfeito. (PASCAL af. 100).

Quando o ser humano percebe suas imperfeições, sua finitude e insuficiência, logo cria outro eu que satisfaça a grande maioria e seja objeto de desejo e admiração de todos. Essa ideia de eu, segundo Pascal, revela eu cartesiano, é um eu ególatra, capaz de reconhecer somente sua própria existência. E nisso o homem busca o tempo todo uma afirmação de si mesmo sem se ater à realidade de outros eus que também fazem parte do mesmo campo existencial.

Quando o ser humano se acha no centro do universo todo resto pode ser colocado em dúvida e foi isso que aconteceu com Descartes que criou um sistema filosófico causador da ruptura entre o sujeito e o objeto. Tudo que estava no exterior agora era reduzido à mente do indivíduo que podia, com isso, fazer qualquer coisa com a natureza e até mesmo com Deus, já que esse se tornara um conceito racional. Com isso, o homem se faz Deus de si mesmo para não enxergar sua condição miserável e cheia de defeitos

Esse outro eu odioso marca consideravelmente a miséria humana por fechá-lo à sua verdadeira realidade de carência ontológica do Sobrenatural. E ainda tem outro agravante, lhe retira a oportunidade de enxergar em Jesus Cristo o único modelo a ser seguido, único eu a ser incorporado ao eu decaído humano. “Graças a Jesus Cristo [...] os homens podem escapar da violência e da solidão. Ele vem dizer aos homens que seus únicos inimigos são eles mesmos” (PASCAL fr. 685).

O amor-próprio, a egolatria e tudo que leve o sujeito a considerar somente a si e não se atentar aos outros são os causadores do mal que envolve o homem moderno e o faz objetivar o outro excluindo, dessa forma, toda alteridade. Não se trata de uma visão pessimista do amor-próprio pois o que o torna mal é a afirmação de si a ponto de excluir qualquer outra forma de existência suprema que não seja a do sujeito pensante e do orgulho que esse gera.

A falta de alteridade, causada pelo amor-próprio, faz com que o homem deseje ser estimado por todos a ponto de se sujeitar a fazer até o que não gosta para agradar e ser reconhecido. Cria-se de uma ilusão viver esse sujeito que não se desprende de seu eu carente e incompleto. Com isso ele se acha a melhor de todas as criaturas pois, quando estimado, ele vive a doce ilusão de estar no lugar de seu repouso. Tirando-lhe os aplausos restam somente o vazio e a miséria, logo ele vai ter que se sujeitar a outras situações e inventar outro eu que satisfaça os homens e, assim, tentar ser o objeto de amor e admiração de homens finitos e incompletos como ele.

[...]Odiamos a verdade, a verdade nos é ocultada; desejamos adulação, a temos; gostamos de ser enganados, engana-nos. Por isso, cada degrau da escada da fortuna, que nos leva no mundo, afasta-nos mais da verdade pois teme mais magoar aqueles cuja afeição é mais útil e cuja aversã, mais perigosa. (PASCAL, af. 100)

Daí que, mesmo que lhe digam a verdade, o homem prefere a mentira e, dessa forma, vive uma vida de enganação sem ter que se deparar com sua natureza insuficiente e carente. Pascal, ao constatar essa realidade moderna, usa do sacramento da reconciliação para ilustrar como se dá essa fuga da verdade e o porquê da modernidade ser anticlerical.

O anticlericalismo moderno, para Pascal, se deve ao fato do homem fugir da verdade acerca de si mesmo e, como visto, do falso eu que ele cria para encobrir suas misérias. Acerca da confissão dos pecados ele aponta que esse sacramento oferecido pela religião cristã trata da chance do homem poder se deparar com uma verdade sobre si, que lhe causa horror, e receber o perdão por essas limitações. Um grande tesouro que a Igreja oferece

e que dá ao homem a chance de reconhecer sua miséria e ao mesmo tempo lhe redime ao invés de lhe condenar. Por orgulho, o homem a rejeita e prefere viver na enganação.

A religião cristã não nos obriga a revelar nossos pecados a todo mundo; permite que os ocultemos dos outros homens; salvo um único homem, ao qual ordena que abramos as profundezas de nosso coração, e que nos apresentemos como somos. Somente a um único homem que o tem como segredo inviolável [...] Será possível imaginar algo mais caridoso e terno? (PASCAL, af. 100).

A ilustração pascaliana quanto à recusa da verdade serve de base para que seja abordada outra explicação de Blaise acerca desse outro eu que se volta para si tornando-se um deus tirânico. O francês concebe a ideia agostiniana acerca do amor infinito e amor finito em que o homem, quando estava em sua natureza primeira, tinha seu amor voltado para Deus que era digno desse amor e podia preenchê-lo, já que era infinito e tinha mais perfeição que sua criatura. Todavia, quando o homem cai no pecado ele é expulso da presença do seu Criador e agora terá que buscá-lo com o coração, já que sua vontade se inclinou a se afastar Dele.

Com isso o homem que antes devotava seu amor a Deus agora não o vê mais face a face e devota seu amor a si mesmo. Antes, um amor que tinha a capacidade infinita era direcionado para algo infinito, agora esse amor é voltado para algo finito e imperfeito. Por isso, o homem não consegue a quietude nem a paz pois, parafraseando Santo Agostinho, ele procura fora o que está dentro, procura nas coisas o que só pode ser preenchido pelo que está além das coisas. Agora a busca não está mais na razão e, sim, no coração pois a causa dessa desordem está no campo das emoções donde brota a inteligência.

Esse amor que o homem devota agora a si mesmo faz com que deseje ocupar o lugar mais elevado no seu coração e nos dos outros. Ele toma o lugar de Deus e se torna um deus tirânico que obriga todos a aceitarem essa imagem criada para ser objeto de estima e adoração de todos:

[...] o desejo de dominação, universal e fora de sua ordem. Logo, o homem por ser tirano é incômodo e faz-se odiado pelos demais. Por isso também que “Quem não odeia em si o seu amor-próprio e esse instinto que o leva a fazer-se Deus é bem cego (PASCAL, fr. 492).

É terrível imaginar o caos que isso causa quando o homem quer ser Deus e entra em conflito com todos os outros que também têm o mesmo desejo. Todos lutando para serem

estimados e adorados, porém fadados a serem esquecidos quando seu inevitável destino chegar.

Mas, embora negue aquele desejo aos outros, estes são necessários para ele pois são eles que sustentam a grandeza do eu dispensando a ele a estima. A estima é, então, o suporte necessário para que o eu (cheio de misérias e imperfeições) se acomode ao seu desejo de ser Deus. (PARRAZ, 2004, p. 187).

Pascal nos aponta a desordem, causada quando o sujeito revoga a autonomia de sua vida recusando-se a fazer parte de um plano criador, como sendo a grande causadora da insuficiência humana pois essa desordem, como será visto no próximo tópico, gera no coração do homem o orgulho. Dessa forma, a natureza nunca vai dar segurança ao homem, seja em questões éticas, morais ou religiosas, pois tais questões só podem ser consideradas quando unidas a uma razão Sobrenatural.

Mesmo sem tratar dos primeiros princípios e nos conduzir a pensar as questões empiricamente provadas Pascal mostra a insuficiência humana e ao mesmo tempo remete a algo que está além dessa condição que não pode ser alcançado pela nossa razão. Por isso, é necessário que se faça o melhor nessa vida, nessa existência e o melhor a fazer é reconhecer que não se pode querer ser como Deus, é preciso humildade para reconhecer essa dependência. Deus não pode ser um instrumento que atenda às necessidades humanas. Agora Pascal dá um tom apologético a essa questão do homem-deus já abrindo caminho para a Teologia que, segundo ele, é a verdadeira detentora dos mistérios do homem. Contra Feuerbach, Pascal certamente diria não que toda teologia é uma forma de antropologia mas que só existe verdadeira antropologia no seio da teologia, dado o caráter sobrenatural da existência humana.

O horror que o homem tem da verdade sobre si o leva querer, de todas as formas, fugir de seu verdadeiro eu; como visto, ele, segundo Pascal, consegue isso nos divertimentos¹³⁹. Os divertimentos servirão como uma droga que desviará o homem da sua condição miserável e insuficiente. Esse conceito pascaliano é muito importante para ser entendido seu pensamento acerca da condição humana.

¹³⁹ Segundo Pondé (2001, p. 7), “As possíveis traduções em português nos pareceram imprecisas: divertimento, diversão, desviar etc. No século XVII, *divertissement* tinha um forte caráter militar: desviar de inimigos, manobras estratégicas. Optamos pelo original porque ele carrega essa duplicidade interna: desviar de obstáculos indesejáveis, divertir-se, lazer”.

Divertindo-se o homem foge da maior batalha que ele tem que enfrentar: estar sozinho e refletir sobre sua condição. A ausência de atividades gera o tédio que para o homem é insuportável, justamente por revelar “do fundo de sua alma, a escuridão, a melancolia, a pena, o despeito e o desespero” (PASCAL, af. 131). Isso se deve à inquietude no coração do homem que o leva a buscar fora o que deve ser unido ao que está dentro de si. Enxergamos nessa batalha mais uma das características do homem moderno: a hegemonia da ação ante a contemplação.

Em Agostinho se percebe que aquilo que você realmente ama precisa estar dentro de quem ama. Ainda existe a distinção de um mundo caótico fora e um mundo de paz dentro de si. Pascal trabalha essa questão analisando como os divertimentos lançam o homem para fora fazendo com que ele se perca de si num mundo incapaz de preencher sua carência ontológica. O interior deve estar unido ao exterior para que o homem não seja somente anjo nem somente animal.

O homem, quando imerso nos divertimentos, está à procura de repouso e esse é buscado incessantemente expondo claramente a insuficiência humana pois o homem, quando imerso nos divertimentos, precisa ser nutrido constantemente e nunca está saciado. Busca o repouso e quando o encontra não suporta o tédio que ele produz e se aventura em procurar mais divertimentos. Assim, ele vive uma procura constante pela quietude que não consegue alcançar no mundo. Mesmo os dedicados às meditações, que precisam para conseguir atingir um grau elevado se desligarem das coisas sensíveis saindo da agitação e buscando no repouso e transcendência a esse mundo, encontram dificuldades, travando uma grande batalha consigo e com o mundo pois não conseguem permanecer toda sua existência meditando.

Assim se escoia a vida. Procuramos o repouso combatendo alguns obstáculos; e, quando estes são superados, o repouso torna-se insuportável. Porque ou refletimos acerca das misérias presentes ou daquelas que nos põe em risco. E, mesmo que nos sentíssemos bem guardados por todos os lados, o tédio, por sua autoridade privada, continuaria a sair do fundo do coração, onde tem raízes naturais, e a encher nosso espírito com seu veneno. (PASCAL, af. 139)

Na busca por preencher o vazio essencial em seu coração o homem se diverte e se lança em busca de preencher essa lacuna existencial amando-se a colocando-se no centro de sua vida para que não enxergue sua real condição. Quando Pascal refaz experiências de Arquimedes acerca da existência do vácuo, tema bastante discutido na modernidade, ele consegue provar pelas leis da física que o vácuo existe na natureza. Constata ainda que o

vácuo não pode ser nada por que tem mobilidade e peso, da mesma forma que não é matéria pois não tem forma nem dimensão espacial. Então ele seria algo que está entre o nada e a matéria. E, a partir dessa constatação empírica, o gênio francês demonstra metaforicamente a existência no coração do homem desse vácuo, uma carência essencial ontológica que não é preenchida pela matéria nem pelo nada. Somente Deus é capaz de preencher esse vazio no coração do homem.

Ao analisar a trágica condição do homem no mundo Pascal se recusa radicalmente a considerá-la como única perspectiva para a existência. Dessa forma, o filósofo propõe a abertura para transcender ao mundo natural como saída para o esvaziamento de valores morais, éticos e religiosos que se instauram na modernidade com a valoração e a busca do sentido da vida na pura imanência.

Deparamos-nos, assim, com outro tema de suma importância para entendermos como um autor empirista consegue justificar valores que são *a priori* a graça divina. Essa atua na vida dos homens, deliberada gratuitamente por Deus despojando o sujeito do amor-próprio que move o homem para uma autossuficiência e para uma usurpação da natureza. Também elimina a ideia que se formou no decorrer da história de uma sociedade niilista gerada por essa falta de *a priori* éticos e pela carência essencial latente no coração do homem.

Também é importante afirmar que pela graça a covardia é deixada de lado pois o homem no amor-próprio era covarde, não se enfrentava e não conhecia o verdadeiro caminho para a felicidade e o bem. Agora, com a graça, a covardia é substituída pela coragem e pelo reconhecimento de que em si mesmo não se encontra felicidade, de modo que a covardia é substituída pela força que impulsiona o homem a caminhar nas veredas do supremo bem.

Pascal nos aponta a busca pelo verdadeiro bem como da ação do homem, e quando o homem perde a noção da busca deste bem tudo lhe parece viável embora o esteja levando à perdição. Para o francês, sendo Deus o único bem, este é insubstituível e somente na busca de viver com Ele o homem poderá viver conforme sua natureza.

Somente Deus é o verdadeiro bem e, quando o homem o abandona, é estranho que nada exista na natureza capaz de lhe tomar o lugar.[...] E, quando perde o verdadeiro bem, tudo pode parecer-lhe esse bem, indiferentemente, até a autodestruição, embora tão contrária a Deus, à razão e à natureza inteira. (PASCAL, af. 425)

Faltam ao homem valores que estejam fundamentados em algo sólido, imutável e que deem segurança à sua existência. Valores que só serão possíveis com a abertura para a dimensão Sobrenatural que abre a possibilidade para o amor *ágape* possível para aqueles que estão em Deus. A afirmação do movimento é a perda desses valores pois o que está mudando não pode dar garantia de felicidade bem como de completude. Sobretudo porque o que é passageiro está ligado à imperfeição e só pode dar conta do que existe até o campo natural.

A desordem causada pela busca de autonomia do sujeito é a marca da insuficiência má do homem. Isso porque o proposto pelo presente trabalho não é demonstrar um caminho para a suficiência do homem. O que está proposto é que se reconheça a insuficiência, e nessa insuficiência se abandone no mistério divino. Essa é a boa suficiência, diferente da insuficiência moderna que é a causadora de toda desordem da condição humana, que busca dar ao homem a ilusão de uma suficiência como pensavam os humanistas. Contudo, Pascal indicará a natureza disjuntiva do homem, essa causada pelo orgulho divisor das outras ordens que deveriam ser subordinadas a uma ordem Sobrenatural, que é a *caritas*, como marca da insuficiência má do homem quando ele devota seu amor às criaturas e abster-se de amar seu Criador.

As três ordens

Analisando o homem de seu tempo, que estava em pleno desenvolvimento da razão e buscando a autonomia do sujeito a partir de duas ordens: do corpo (*res extensa*) e a do espírito (*res cogitas*), Pascal conclui que quando o homem abandona sua participação na criação divina deixa de considerar-se pequeno diante de Deus e quer se tornar criador e dominador da natureza, torna-se um “ser perecível e moribundo”. (PASCAL, 2005, af. 430).

A disjunção na natureza humana se dá no momento em que ela cai no pecado, quando ocorre a incomunicabilidade entre as ordens do corpo, do espírito e da *caritas*. Essas três tendem a funcionar em harmonia, mas quando o homem busca ser criador e dominador da natureza, o orgulho revoga para si o lugar da *caritas* e causa a desordem. Isso ocorre principalmente nos tempos modernos onde o homem busca tornar-se o centro de tudo e quer amar nas criaturas o que só é possível amar no seu Criador, nesse caso, em Deus.

Se há um Deus, é preciso amar apenas a Ele e não às criaturas passageiras. O raciocínio dos ímpios, na sabedoria, baseia-se apenas em não haver Deus. “Dito isso, desfrutemos, portanto das criaturas”. É a pior solução. Se tivessem um Deus para amar, não teriam concluído isso, mas precisamente o

contrário. Eis, a conclusão dos sábios: “Há um Deus; não desfrutemos, pois, das criaturas”. (PASCAL, af. 479)

Com isso constata-se que o orgulho é a grande marca da modernidade e também o que afasta o homem de sua natureza primeira, dessa ainda restam alguns resquícios no homem pois se “o homem perde sua natureza, tudo se torna sua natureza”(PASCAL, af. 426). Perdido de sua natureza primeira e de sua participação no projeto da criação o homem vive em desordem causada pelo amor próprio. Todos revogam a autonomia sobre si e desprezam todo resto, aumentando a insuficiência devido ao fato de não encontrarem a harmonia das ordens no corpo nem no espírito, visto que essas são disjuntivas.

Para regular o amor que devemos a nós mesmos, é preciso imaginar um corpo formado de membros pensantes, pois somos membros do todo, e ver como cada membro deveria amar-se etc. Caso os pés e as mãos tivessem uma vontade particular, nunca se achariam em sua ordem a não ser sujeitando tal vontade a uma vontade primeira que governasse o corpo todo. Fora disso, estariam em desordem e desgraçados; mas objetivando apenas o bem do corpo, alcançam seu próprio bem. (PASCAL, afr. 474, 475)

Descartes foi o grande precursor da concepção do sujeito autônomo entendido na ordem do espírito com o famoso *cogito ergo Sum*. Ele elabora um sistema metafísico que coloca o homem em situação autônoma diante de toda natureza de modo que se ter todo o conhecimento quer dizer poder dominá-la. Não obstante, há uma separação do todo, não se pensa em uma ordem natural nem em uma ordem da criação divina, tudo pode ser conhecível e dominado já que Deus deu a capacidade ao homem de fazê-lo.

Essa grandeza do homem, (*res cogitans*), como visto anteriormente, é a herança cartesiana no pensamento de Pascal. Mas, ele ultrapassa o plano metafísico de Descartes desqualificando a autonomia do eu. Para isso, ele concebe que existe a grandeza do homem com relação aos outros seres devido ao pensamento racional e reflexivo, mas o que faz essa escala de valoração é o reconhecimento da miséria de si, o aniquilamento do amor-próprio. Portanto, a humildade é necessária para não cair na arrogância cartesiana de conceituar tudo a ponto de tentar explicar toda natureza a partir do pensamento humano.

Por isso, a suficiência racional é também o que lança o homem para o exterior pois se ele se acha inteligente o suficiente para abarcar todo conhecimento do mundo, vai acabar frustrado e nunca conseguirá abarcar toda a complexidade do universo e de si mesmo. Chegará uma hora que sua razão será insuficiente e precisará recorrer ao coração, à fé e às incertezas, se dobrando diante do mistério que a sobrepassa. Dessa forma, o homem que busca

no espírito (*res cogitas*) explicações concretas para todas as verdades acabará se frustrando ou inventando conceitos para não se rebaixar ao mistério que é sua própria existência.

Já a afirmação humanista da suficiência da natureza humana é o fechamento para a transcendência e o corpo (*res extensa*) também não é capaz de abarcar toda complexidade da vida pois o homem é de natureza sobrenatural e, por isso, tende sempre para retornar a sua natureza primeira. Por isso, os valores vão se tornando relativos, as pessoas vão buscando no consumismo, nas drogas, no hedonismo algo que traga felicidade, mesmo que passageira. Como veremos mais à frente, o homem perde a noção do sagrado e sem essa dimensão tudo perde o significado e o que move o sentido das coisas é a novidade, o que é velho deve sempre ser superado, gerando um movimento de eterna busca e insatisfação.

Percebemos que Pascal concorda com o dualismo cartesiano de que o homem é composto de espírito e matéria. Porém, se o homem limitar-se somente a essas duas ordens, ele vai cair sempre na desordem pois a razão, como vimos, é limitada e a matéria não preenche o vazio no homem. Assim, o francês propõe uma terceira ordem que é superior às outras, mas funciona em harmonia com ambas e está fora das razões racionalistas do seu século pois está no domínio das razões do coração que é a ordem da *caritas*.

Somente na *caritas* o homem pode transcender a essa incompleta existência corpórea e espiritual e viver uma vida autêntica sem nenhuma ilusão de um eu odioso ou tirânico nem com a imaginação de completude nas coisas do mundo. A *caritas* dá ao homem a capacidade de retornar para o todo, voltar a fazer parte de toda criação e não um membro isolado e seletivo na natureza.

Se o pé sempre se mantivesse ignorado pertencer ao corpo e se existisse um corpo de que ele dependesse, se apenas houvesse tido o conhecimento e o amor de si e viesse a saber que faz parte de um corpo do qual depende, que desgosto, que confusão em sua vida passada, por ter sido inútil ao corpo que lhe insuflou a vida, que o teria extinto se o tivesse rejeitado e apartado de si como ele se apartava dele! Que súplicas para que nesse corpo fosse mantido! E com que sujeição deixar-se-ia governar pela vontade que rege o corpo até concordar em ser amputado se preciso! Ou perderia sua qualidade de membro, uma vez que é preciso que todo membro consinta em perecer pelo corpo, que é único para o qual tudo existe. (PASCAL, af. 476).

A *caritas* é a ordem que se abre para o sobrenatural, é ela que representa a única solução para a disjunção da natureza humana. Nesse caso podemos dizer que Pascal não foi contrário a Descartes, mas até muito fiel ao seu pensamento quando sintetiza o caminho da *res cogitam* e da *res extensa*, já apresentada por Descartes, na *caritas*. Descartes só teria

chegado à margem do caminho quando propõe a *res cogitas e a res extensa* como partes constitutivas do homem, faltou a humildade de se dobrar diante da sobrenaturalidade a assumir a *caritas* como reguladora da natureza decaída do homem como nos apresentou Jesus Cristo e como Pascal a habilitou para completar seu pensamento. Não há uma superação entre as ordens e sim uma harmonia, de forma que a *caritas* está em uma dimensão superior por romper com a disjunção na formação constitutiva do homem e por ser decisiva para que haja a conversão das outras ordens ao Sobrenatural rebaixando o homem ao seu lugar inferior diante do mistério divino.

A distância infinita dos corpos aos espíritos figura a distância infinitamente mais infinita dos espíritos à *caritas*, visto que ela é sobrenatural. (PASCAL, fr. 793).

Se ao invés de atuar o sentido Sobrenatural sobre a terceira ordem, atuar a vontade humana como objeto definidor, o orgulho manterá o homem em sua condição desproporcional e disjuntiva. Essa gerará no sujeito uma escravidão às criaturas desviando-o de sua escravidão essencial e necessária que é a de amor ao Sobrenatural, ou seja, o amor a Deus. Por isso, devido ao orgulho, o homem moderno vive na tentativa de excluir o Divino, o Sobrenatural ou mesmo a transcendência a essa existência buscando em si o que está no todo.

Concupiscência da carne, concupiscência dos olhos, do orgulho etc. – Existem três ordens de coisas: a carne, o espírito, a vontade. Os carnis são os ricos, os reis: têm por objeto o corpo. Os curiosos e instruídos têm por objeto o espírito. Os sábios tem por objeto a justiça. Deus deve reinar sobre tudo, e tudo deve relacionar-se a Ele. Nas coisas da carne, impera propriamente a concupiscência; nas espirituais, a curiosidade propriamente; na sabedoria, o orgulho propriamente. [...] Só Deus dá a verdadeira sabedoria. (PASCAL, af. 460).

Contudo, observa-se que o orgulho é o grande causador da desordem da constituição humana e o fator que marca sua disjunção. Ao tentar revogar o lugar da *caritas*, o orgulho impede que o homem se abra para o Sobrenatural e o mantém num estado de má insuficiência de modo que o homem, buscando a sabedoria do mundo e as distrações carnis, se perde numa falsa suficiência. Para Pascal, a verdadeira suficiência só é possível em Deus, que é o reunificador de todas as coisas dispersas, e que dá ao homem uma suficiência mesmo na sua insuficiência essencial.

Paradoxos da Condição Humana

Após localizar a figura do homem no topo da criação, onde Pascal aponta sua infinita desproporção em relação ao restante da criação, nos deteremos na observação das múltiplas formas que assume o drama da insuficiência humana no pensamento pascaliano. Principalmente no que marca sua insuficiência que são as variações que sujeitam o ser humano devidas a sua vontade de autonomia ante a natureza.

Já apontamos nos tópicos anteriores alguns dos paradoxos da condição humana, a saber, o homem que deseja ser amado mas que odeia profundamente a si próprio; o homem que quer o repouso mas o busca na agitação. Apontaremos, agora, duas faculdades que favorecem esses paradoxos: a imaginação e a vontade. Essas duas, no pensamento pascaliano, formam uma espécie de desorganizadoras da ordem humana. A primeira quer reivindicar para si a soberania perante a razão e, a segunda, faz com que o homem tenha um desejo incoerente com sua condição.

A imaginação é a grande causadora da desordem quando pretende ser a dominadora da razão e tenta colocar o sujeito acima de qualquer coisa criada. A imaginação faz com que o homem julgue por verdadeiro aquilo que é falso, e causa as desigualdades sociais, as misérias e o empobrecimento do homem.

Imaginação – É essa parte enganadora no homem, essa senhora do engano e falsidade, tanto mais velhaca quanto não o é sempre; porque seria regra infalível da verdade se o fosse infalível da mentira [...] empresta o caráter verdadeiro a aquilo que é falso. (PASCAL af. 82)

O que faz com que os homens reconheçam a grandeza dos seus iguais e julguem alguns serem superiores e outros inferiores, principalmente na modernidade, são os disfarces criados pela imaginação para fazer do homem mais respeitado ou mais temido. Não se trata das virtudes nem da capacidade de bondade que ele tem, e sim de qual posto de ocupação na imaginação coletiva ele tem para que seja amado e temido por todos. Dessa forma, o homem cria uma imagem de Deus baseado na concepção que ele tem de si mesmo.

A imaginação aumenta os pequenos objetos até nos encher com eles a alma, numa apreciação ilusória; e numa insolência imprudente diminui os grandes e os reduz à sua medida, como falar de Deus.

O homem fabrica sua própria felicidade nesse mundo sem se ater às coisas que estão fora dele, não se importando com o que está ao seu redor. Dessa forma, o sujeito

moderno é o fabricante de mundos, um ególatra que só se preocupa consigo mesmo e desconsidera que está no mundo com vários outros homens que também reclamam parte da criação para si. Pascal é duro ao criticar esse homem guiado por instintos e pela imaginação:

Que quimera é, então o homem! Que novidade, que monstro, que caos, que motivo de contradição, que prodígio! Juiz de todas as coisas, imbecil verme da terra, depositário da verdade, cloaca de incerteza e erro, glória e escória do universo. (PASCAL, af.434)

Percebe-se que, ao mesmo tempo que Pascal demonstra a incapacidade humana, ele se espanta e se admira com sua grandeza, chegando a intrigar-se com tão grande mistério. Com isso ele ressalta a incompreensibilidade do homem para si mesmo. Ele conhece as coisas da natureza porque são simples de conhecimento. Já, quanto à sua natureza, o sujeito não consegue saber como sua alma entra em seu corpo nem como se dá esse mistério divino. Nesse ponto a razão, mais uma vez, se cala diante do paradoxo da condição humana: o homem que conhece tudo sobre a natureza mas que não sabe nada sobre si.

O sujeito quer ser maior do que aquilo que pode compreender e, ao colocar a raiz da desordem no conhecimento divino e no pecado, Pascal transporta o tema da insuficiência humana para o campo do Sobrenatural. O francês limita a razão e demonstra que a questão da insuficiência humana habita os campos da fé e tais questões, ao invés de colocar o homem em um campo de incompreensibilidade total de si, abrem os horizontes para se pensar que o ser humano ultrapassa a razão natural.

Conheceis, pois, orgulhosos, que paradoxo sois em vós mesmos. Humilhai-vos, razão impotente, calai-vos, natureza imbecil; aprendei que o homem ultrapassa infinitamente o homem. (PASCAL, af. 434)

Dessa forma, Pascal demonstra que o homem transcende a si próprio, não se limita às explicações naturais no tocante à sua existência. Diante de tal constatação o conceito de insuficiência atravessa a Epistemologia, a Antropologia e a Filosofia e chega novamente ao campo da Teologia exigindo do homem uma atitude de reconhecimento que o leva à humildade. Essa é uma forma encontrada por Pascal para que o sujeito, mesmo na insuficiência, descubra uma forma de abdicar de sua autonomia, de descer do pedestal onde foi colocado na modernidade e reconhecer a insuficiência da razão natural e que a incerteza é a maior das certezas obtidas por ele de si mesmo. Assim, a humildade da razão, se dobrando à

teologia, leva o homem a não se perder nesse mundo que não consegue sozinho abarcar toda complexidade da vida humana.

Por isso, uma discussão filosófica ou antropológica pascaliana, necessariamente, precisa se desdobrar na Teologia pois, se abrindo a um projeto divino, o homem pode transcender a esse mundo em que ele se encontra, esvaziado de sentido devido à sua carência ontológica constitutiva e insuficiente e à sua natureza disjuntiva. Os outros conhecimentos servem de caminhos que auxiliam na busca que acaba na incompreensão e na contemplação do mistério apresentado ao homem corrompido e, portanto, afastado da presença de seu Criador que o ama e o busca, desde toda origem da humanidade.

Mas ainda há esperança para o homem que busca nas sobras de sua natureza anterior, ou seja, nas noções guardadas dentro de si de que há algo além dele e inacessível ao seu conhecimento, restaurar uma dignidade perdida com o pecado. Para Pascal não é o mundo que é mal mas o pecado que entrou no mundo e causou a desordem, e isso porque a vontade corrompida não se voltou para seu criador, mas para si mesma gerando o orgulho e, com isso, a disjunção das ordens do corpo e do espírito.

Vamos agora perfazer o caminho de retorno do homem para seu Criador a colocá-lo em seu lugar de origem, onde ele tem sua natureza resgatada da insuficiência. O homem, retornado para si participa de um projeto que não se esgota nesse mundo mas o transcende e abre perspectivas de sair de sua condição de miséria. Uma superação da insuficiência, não buscando negá-la mas afirmá-la e se abrindo à revelação cristã que dá ao homem o conhecimento de suas duas naturezas reveladas por Jesus Cristo. Essa abertura para a revelação lança o homem no mistério de Deus que se apresenta e se esconde para que o desconhecimento seja o alimento da razão.

PARADOXO DO HOMEM – JESUS CRISTO

Retorno para dentro – Retorno para o Sagrado

Pascal aponta como solução para a insuficiência humana a conversão ao Sobrenatural porém não demonstra nenhum conceito de Deus, nem sobre a essência de Deus, sua concepção divina parte da razoabilidade da crença em Deus e da revelação cristã com Jesus Cristo, a palavra encarnada.

Partindo do pensamento de Luiz Felipe Pondé e de Franklin Leopoldo e Silva, que fizeram uma leitura da mística da agonia na antropologia de Pascal, pretende-se esboçar a noção de aniquilamento do eu para o advento do eu de Jesus Cristo encarando essa mística como um retorno para o divino diante do secularismo que se instaurava na modernidade e que culminou com a morte de Deus.

Na modernidade, com a soberania da razão, tudo que estava fora do campo sensível ou do compreensível era tido como absurdo e inútil. O homem era provocado à orgulhosa consciência de que ele próprio e mais ninguém, apenas com suas forças, seria capaz de realizar a salvação do mundo e, com isso, também a própria salvação.

As ciências experimentais deram forte impulso à secularização: Química, Física, Biologia etc. Outra causa central para o desenvolvimento da secularização foi a elaboração, a partir de Descartes, de uma filosofia imanentista. Esta resultou em visões de mundo secularizadas como: materialismo, existencialismo, pragmatismo etc. Esses sistemas não pregaram somente a autonomia do sujeito e da realidade mas a completa eliminação do sagrado e da religião. (MONDIN, 1997, p. 43).

A secularização arrancou da natureza os vestígios de Deus para imprimir nela cada vez mais os vestígios do homem (MONDIN, 1997, p.45). Só que essa inversão gerou no homem um vazio que não se preenchia e só aumentava cada vez mais e, assim, como o homem no decorrer da história viu a morte de Deus mais tarde viu também a morte de si próprio nos massacres de inocentes, nas guerras, nas desigualdades etc.

Segundo Pondé, Pascal é um filósofo, antes de tudo, ocupado com o destino do homem (PONDÉ, 2001, p. 255). Para ele, ter consciência da própria insuficiência é a forma mais eficaz de combater os humanistas que, como visto anteriormente, pregando a suficiência, expandiram ainda mais o vazio no coração do homem a ponto de converter seu desejo ao puro nada criando no homem um ódio mortal pela verdade empírica sobre si mesmo, a saber, sua miséria e insuficiência.

Para Renee Guenon, em seu livro *A Crise do Mundo Moderno*, a modernidade causou um caos no coração humano e a única saída é um retorno para a Idade Média. Isso porque os modernos com o antiescolasticismo, anticlericalismo, e anti tudo que fosse relacionado à Idade Média causaram também um anti-humanismo. Isso, claro, em uma leitura pascaliana que não rejeitou as descobertas científicas do seu tempo só que não se limitou a colocá-las como autônomas e suficientes.

Os humanistas pensando que estavam valorizando o homem o afastavam cada vez mais de sua origem dando a eles a ilusão de suficiência. Após essa concepção errônea nasce

no coração do homem a angústia, o vazio, o niilismo, o ateísmo e a dessacralização de tudo. Dessa forma, a dessacralização da vida e do mundo, ao invés de reduzir o sagrado, ressaltou sua importância na história, num ponto de vista empírico, no que se refere ao êxito em seu desenvolvimento.

Galileu, ao fundir o céu e a terra, retirou a noção de hierarquia dando autonomia ao pensamento que pode transpor até os limites do céu. Com a perda dessa noção de hierarquia perdeu-se também a ideia de valores e agora é o sujeito quem determina o mundo. Há aqui uma contrariedade na ideia moderna com a idade média, para os primeiros a ideia é de santificação do mundo, já os medievais tinham a ideia de fuga do mundo, pois fugindo do mundo o homem poderia encontrar no repouso a verdade tão assustadora: sua insuficiência e seu nada.

Por isso podemos encontrar na concepção de Guenon uma certa semelhança com o pensamento pascaliano. Porém, Pascal não propõe um retorno aos medievais, mesmo tendo muita influência do pensamento agostiniano. O que o francês propõe é a razoabilidade de se ter Deus como padrão de condutas humanas. Ele consegue enxergar para onde se encaminharia o homem ao abandonar a dependência de seu Criador e se tornar senhor de seu destino sem se submeter a uma razão superior e sobrenatural.

O homem não sabe em que lugar se colocar. Está visivelmente perdido e caiu de seu posto sem conseguir reencontrá-lo. Busca-o por toda parte com inquietação e sem êxito, em meio a trevas impenetráveis (PASCAL, af. 427)

Atualmente é difícil pensar acerca do homem medieval porque a noção de mudança agora é boa, na modernidade o devir é o gerador de valoração da vida. A grandeza do homem está no vir a ser, na novidade que ele pode ser no futuro. O verdadeiro bem na modernidade é transportado para a realização no plano existencial. Essa forma de pensar terá sua maior expressão com os existencialistas que colocaram a essência humana na existência excluindo a sobrenaturalidade essencial do homem.

É no resgate da religiosidade que o homem poderá encontrar a redenção para toda sua miséria. Nesse resgate o homem pode buscar na semelhança a Deus a saída para essa crise que ele sofre na modernidade. Somente assemelhando-se a seu Criador ele poderá romper com o ateísmo que o retira de sua dimensão sobrenatural e também com a razão natural que o reduz a uma máquina pensante

[...]a religião cristã ensina aos homens duas verdades a um só tempo: que há um Deus que os homens são capazes de alcançar e que há uma corrupção na natureza que os faz indignos. Importa igualmente aos homens conhecer ambos os pontos; e é igualmente perigoso aos homens conhecer Deus sem conhecer a própria miséria, e conhecer a própria miséria sem conhecer o redentor que pode curá-la. Um só desses conhecimentos causa ou o orgulho dos filósofos que conheceram Deus e não a própria miséria, ou o desespero dos ateus, que conhecem a própria miséria sem redentor. (PASCAL, af. 556).

O homem, quando vive na idolatria de si mesmo odeia a religião pois, como diz Pascal, “Os homens desprezam a religião, odeiam-na e temem que seja verdadeira” (PASCAL, af. 187). Amando a si mesmo, orgulhoso e decaído o ser humano está condenado a viver uma existência para a morte, afundando em sua naturalidade e imanência enquanto os que buscam na semelhança a Deus os fundamentos de sua existência comungam de um todo e participam de um projeto divino que lhes dá a possibilidade de uma existência autêntica e feliz.

Como já visto, o homem moderno tem ódio ao seu eu verdadeiro e cria outros eus para ser adorado e alimentar seu amor-próprio e egoísmo. O asco que o homem moderno tem de seu eu empírico, para Pascal, é restaurado pelo eu de Jesus, pois somente nessa revelação são resolvidos os paradoxos da condição humana porque Jesus contém em si a divindade perdida com o pecado e a humanidade insuficiente.

Jesus Cristo, para Pascal, é o caminho pelo qual o homem pode sair do campo limitado da horizontalidade e buscar na verticalidade não se dissolver no imanentismo das leis naturais. Jesus devolve a sacralidade da natureza e do homem.

Sem Jesus Cristo, o homem tem de permanecer no vício e na miséria; com Jesus Cristo, o homem está isento do vício e da miséria. Nele se acha toda a nossa virtude e toda a nossa felicidade. Fora dele só há vício, miséria, erros, trevas, morte e desespero. (PASCAL, af. 546)

É no conhecimento de Jesus que se chega ao conhecimento do próprio eu pois conhecendo a Deus é possibilitada a visão de qual é a origem e fim do homem. Cristo nos mostra a vida e a morte, por isso Pondé e Franklin Leopoldo e Silva falam de uma mística da agonia pois, em Jesus, vemos a morte do orgulho e do amor-próprio a ponto de abdicar de tudo com a perspectiva de uma vida eternamente feliz.

Pondé, principalmente, não apresenta a solução para o drama moderno da insuficiência e não reconhece a dignidade que Cristo dá ao homem ao assumir a condição

humana. Ele se limita ao campo da briga com os humanistas e só constata que o homem abandona o divino e perde-se de si mesmo (PONDE, 2001, p.265); com isso, ele tem uma visão gnóstica do mundo onde a carência ontológica do homem é um fator que o limita e o faz miserável sem a possibilidade de redenção. Seguindo além dessa querela entre Pascal e os humanistas, o presente trabalho buscará aprofundar em uma suficiência na insuficiência proposta por Pascal, principalmente no tocante à revelação divina e no retorno do homem para si, apostando na existência de Deus.

A Aposta

O sujeito moderno está carregado de critérios subjetivos, onde o que importa é o que se sente e não o que é importante para o todo. Os homens agem somente com sua animalidade na intenção de manutenção da vida humana. Com essa colocação, propõe-se iniciar esse tópico falando dos gnósticos para demonstrar como a modernidade vem carregada desse pensamento de suficiência e de uma liberdade que foge de um conceito de verdade. Também para mostrar que, quando Pascal propõe aprofundar na insuficiência e buscar no conhecimento de Deus romper com a má insuficiência, isso não indica esperar a morte sem nada ter dessa vida, nem se libertar, através do conhecimento do coração, de uma vida infeliz. Pascal quer, com isso, demonstrar que há algo a mais que essa existência, que é de fato incerto, mas todos que apostaram nessa vida foram felizes e atingiram uma universalidade que nenhuma outra corrente ou pensamento conseguiu até então.

Os gnósticos fazem uma má aposta quando enxergam na natureza uma suficiência onde a partir de um conhecimento superior o homem se torna um ser supremo. Dessa forma, não se implica uma mudança de postura, o conhecimento vai libertar o homem para ser o que ele quiser, portanto livre de qualquer princípio ético ou religioso.

A libertação pelo conhecimento apresentada pelos gnósticos tem influência dos maniqueístas que viam o mundo de forma dual, onde existia um mundo bom e um mal. O conhecimento seria o grande libertador do homem que se encontra privado por um deus mal que controla tudo. Por isso também não se associa Pascal ao gnosticismo pois ao propor a necessidade da fé para enxergar na imanência uma luz confusa de seu autor o filósofo aponta a criação como parte de um projeto bom. Dessa forma, percebemos que o pensamento pascaliano vem carregado de um otimismo quanto à natureza e até mesmo quanto à própria ciência pois essas expressam vestígios do seu Criador.

O homem quando se perde de Deus cai na perda da própria alma e tudo pode ser objetivado, até mesmo os outros são usados como meios para atender seus próprios fins. A vida, assim, se torna uma selva onde sobrevive o mais forte e os pequenos são exterminados ou escravizados pelos regimes totalitários que surgiram nesse mar de subjetivismo moderno.

Assim sendo, o niilismo é a consequência natural da modernidade como uma doença que corrompe o homem e dissolve sua personalidade. Nesse caso, percebe-se, aqui, uma convergência com PONDÉ de que “O homem parece ser um ser que quando exposto a demasiada luz se dissolve”(PONDÉ, 2001, p. 18). O desejo de nada no coração do homem é justamente a figura do sujeito soberbo, da ciência e da filosofia moderna que acreditava tudo poder reduzir aos cálculos, desprezando a sobrenaturalidade e a dimensão sagrada do homem. Tudo isso gerado por muita luz lançada sobre ele mesmo.

[...] Suponhamos determinado número de homens presos e condenados à morte, sendo alguns degolados todos os dias na frente dos outros, e os que restam constatando a própria condição na de seus semelhantes e contemplando uns aos outros com tristeza e desesperança, no aguardo de sua vez. Aí está a imagem da condição dos homens. (PASCAL, af. 199)

Para Pascal, o homem está perdido na natureza, sem saber aonde vai nem quem o colocou aqui. Esse é um drama que o francês aponta e já vem permeando todo nosso trabalho. Tentando encontrar saídas para sua insuficiência, alguns pensadores modernos como Descartes, Fermat e Galileu objetivaram Deus e conseqüentemente a si próprio, quando conceituaram Deus fizeram dele uma imagem de si mesmo, como já vimos anteriormente e, se Deus se parece com o homem, então Ele é inconstante e se adapta ao modo de ser de cada um. Isso é perfeitamente demonstrável atualmente com as religiões que produzem um Deus para si a cada dia, de acordo com as suas necessidades.

O protestantismo é o reflexo desse relativismo de Deus que tenta moldar esse conceito de acordo com seus sentimentos. Nisso Pascal não se aproxima dos protestantes de sua época porque, por estar sempre relacionado ao jansenismo, muitas vezes também foi associado ao protestantismo. Para ele, Se Deus se torna o fruto das vontades humanas, então desaparece a angústia do coração do homem, e com isso ele se sente capaz de tudo, “perdido o verdadeiro bem, tudo se torna seu verdadeiro bem” (PASCAL, 2005, af. 426). Mais tarde, Nietzsche chegará à conclusão mais óbvia dessa busca desenfreada do homem pelo conhecimento de Deus a partir de si mesmo, constatado que o homem matou Deus.

Nietzsche percebe que a esperança no coração do homem morreu e a ciência oferece algo mais real e mais fácil de compreender. Assim, nasce o niilismo, nessa falta de esperança na vida eterna, onde a ciência passou a ser lugar da verdade e das certezas. Pascal nos mostra, ao contrário, o tamanho da miséria e presunção do homem e oferece o remédio para tamanha doença no coração humano porém a mesma consequência apontada por Nietzsche ele aponta caso o homem rejeite tal caminho.

Serão os filósofos, que nos propõem, como todo bem, os bens que estão em nós? Será esse o verdadeiro bem? Descobriram eles o remédio para nossos males? Será curar a presunção do homem igualá-lo a Deus? Os que nos igualaram aos animais, e os maometanos, que nos deram como todo bem os prazeres da terra, até mesmo na eternidade, trouxeram remédio para nossa concupiscências? Que religião nos ensinará nosso bem, nossos deveres, as fraquezas que nos desviam, a causa dessas fraquezas, os remédios que podem curá-las e o meio de obter esses remédios?

Percebe-se que há uma duplicidade do homem no pensamento pascaliano. Um quer a liberdade plena, sem limitações, vivendo de acordo com sua natureza, como que em plena comunhão com ela, livre de qualquer responsabilidade. Esse busca a todo custo esquecer sua condição fazendo tudo para provar para si e para todos que não se subjeta a nenhuma lei, pelo contrário, esse libertino cria suas próprias leis. De outro lado, vemos um homem angustiado pela falta de sentido em sua vida, que sabe de sua limitação, quer apostar em algo só que não encontra na natureza nada que lhe traga segurança e, assim, vive em busca desse eu perdido no tempo e na história.

Quanto a isso, Pascal nos mostra que é vão ao homem procurar na natureza, ou na razão, o remédio para suas misérias. Tudo que se conhece só leva a crer que nada se pode descobrir sobre a verdade e o bem. Os filósofos que quiseram responder a essas questões só conseguiram aumentar ainda mais a dúvida, pois nem mesmo eles chegaram a tal conhecimento.

Para o homem só resta reconhecer sua baixeza, sua miséria, sua incompreensão e assumir que é na incerteza que habita a maior das certezas. Nisso Pascal mais uma vez supera Descartes pois ele, para fundamentar sua necessidade de Deus, não parte de uma dúvida e sim de uma crença. Precisaria primeiro acreditar para depois lançar questionamentos sobre a crença. Descartes fez o caminho inverso, começou com uma dúvida e, por isso, transformou Deus em algo de seu pensamento. Diferentemente de Descartes, Pascal primeiro acreditou, mesmo diante da incerteza, apoiado na tradição, de forma que ele escreve que o seu Deus era o de Abraão, de Isaac e de Jacó.

Diante do desconhecimento de Deus, da eternidade, dos primeiros princípios e de si mesmo Pascal sugere o seu famoso argumento da aposta como razoabilidade da crença em Deus. Primeiro ele demonstra as razões para crer que a religião cristã é a única a oferecer um caminho para o vazio que se instaura no coração do homem com a autonomia moderna. Depois ele indica que não é uma escolha na liberdade, mas um jogo que já está inserido na existência do homem e que somos todos obrigados a jogar.

Com a aposta na existência de Deus o homem se reveste de valores que estão fundamentados em algo sobrenatural mas que são encontradas as marcas de seu criador na natureza para que possa conhecê-los. O caminho para encontrar essas marcas do Criador na natureza é de abandono pois o verdadeiro encontro com Deus se dá no desconhecimento. Portanto, o argumento que Pascal propõe de aposta na existência de Deus não se dá no conhecimento de uma verdade e na adesão a ela. O desafio de viver a proposta cristã, com todos seus valores e preceitos, é fundamentado na possibilidade de ganho ou de perda, portanto, na fé.

Pascal elabora o argumento da aposta da seguinte forma:

Sim: mas é mister apostar. Não é algo que dependa da vontade, já estamos inseridos nisso. Qual escolhereis? Vejamos. Um vez que é necessário escolher, vejamos o que menos vos interessa. Tendes duas coisas a perder: a verdade e o bem; e duas coisas a empenhar: vossa razão e vossa vontade, vosso conhecimento e vossa beatitude; e vossa natureza tem que fugir de duas coisas: o erro e a miséria. Vossa razão não se sentirá mais atingida por terdes escolhido uma coisa de preferência a outra, pois é preciso necessariamente escolher. Eis um ponto liquidado. Mas, e vossa beatitude? Pensemos no ganho e a perda escolhendo a cruz, que é Deus. Consideremos esses dois casos: se ganharedes, ganhareis tudo; se perderdes, não perdereis nada. Apostai, pois, sem hesitação. (PASCAL, fr. 223)

Mais uma vez o homem se encontra na inquietude, pois todo jogo quer dizer risco e isso quer dizer possibilidade de ganho ou de perda. Pascal aponta que jamais o homem poderá saber quando o jogo vai terminar ou se ganhou ou perdeu. O que é proposto para o homem é apostar, pois mesmo que em Deus não exista a possibilidade de uma vida virtuosa já vai ter garantida uma existência feliz e repleta de um sentido que evitará a angústia e o vazio em seu coração. E ainda, se Deus existir, há a dupla garantia de felicidade e perpetuidade da vida.

Essa incerteza de ganho e de perda abre caminho para o último tópico desse trabalho, onde o Deus se revela e ao mesmo tempo se esconde. Isso porque ele busca de suas criaturas a verdadeira conversão do coração. Pascal acredita que se Deus fosse passível de

total conhecimento o homem não reconheceria sua insuficiência “se não houvesse obscuridade, o homem não sentiria sua própria corrupção” (PASCAL, 2005. Af. 586). Assim, encontra-se em Deus, objeto de um saber incerto que é a Teologia, espaço para que a vida seja um jogo em que há um duplo ganho garantido.

O Deus Escondido

Até agora o estudo acerca da condição humana no pensamento pascaliano foi conduzido a reconhecer que há no homem uma insuficiência essencial. De forma que ficou constatado que o homem é constituído de um misto de miséria e grandeza e há uma disjunção na sua organização ontológica que é ordenada pela *caritas*. O que se propusera até agora foi fazer o caminho de retorno do homem para si e mostrar o que Pondé e outros leitores de Pascal não conseguiram enxergar: que há redenção. Essa redenção só surge no retorno a Deus, na saída de seu esquecimento, o que se transfigura na alma humana como amor a todas as criaturas e no resgate da religiosidade¹⁴⁰.

Deus, segundo Blaise, se separou longinquamente de suas criaturas, e o homem está abandonado, sem rumo, perdido “entre os dois imensos infinitos que o cercam” (PASCAL, 2005 af. 72). Cria-se, assim, em seu coração, a consciência trágica que é aquela que faz a experiência da separação absoluta sem ter em vista nenhuma reconciliação possível entre o infinito e o finito, a não ser pelo sentimento, ou seja, pela via do coração.

A redenção em Pascal se traduz em *ágape*, esse amor sobrenatural que nasce para aqueles que estão em Deus. São Máximo Confessor diz que "Deus depositou no coração humano o desejo de Deus". É, pois, na sua própria natureza, criada *imago Dei*, que o homem está predestinado ao conhecimento de Deus.¹⁴¹

Segundo as sagradas escrituras, a essência do homem não está na racionalidade, nem na liberdade, na linguagem, na cultura ou na religião, mas sim na sua capacidade de expressar a realidade de Deus, isto é, de se tornar um “ícone de Deus”. Essa ideia foi bem acolhida pelos padres do deserto, que a tinham como princípio básico da sua Antropologia que depois foi ignorada pelos escolásticos e completamente esquecida pelos modernos. (MONDIM, 1997, p. 399)

¹⁴⁰ D'ABREU, Rochelle Cysne Frota. **Breve abordagem de aspectos religiosos em Pascal e Dostoievski**. Texto da aula apresentada em junho de 2000 na UCB. Não publicado.

¹⁴¹ Idem; *Ibidem*

Na perspectiva da fé, o mistério do homem reside no mistério de sua *imago Dei*. A história da salvação remonta à ideia do “ícone divino”. Uma semelhança instituída por Deus no momento da criação e que foi manchada pelo pecado original e depois restaurada por Cristo, Verbo encarnado, ícone consubstancial ao Pai. (idem)

Já que o destino do homem está em se tornar *imago Dei*, para Pascal, Deus já deu esse modelo aos homens, por pura misericórdia, para que seja resgatada sua condição decaída pelo pecado. É Jesus que revela o Pai, a imagem primeira que o homem possuía antes do pecado. Nele se encontra a fonte de toda naturalidade, a sobrenaturalidade. Nele se encerra a carência ontológica essencial que perdura latente no coração do homem.

Jesus Cristo resgata, a partir de sua vinda, a dignidade do homem. Ele carrega em si os paradoxos da condição humana e dignifica o que antes estava visivelmente perdido buscando a inquietação em meio às trevas impenetráveis, o que só encontraria com a encarnação.

Vejo Jesus Cristo em todas as pessoas e em nós mesmos: Jesus como pai em seu pai, Jesus como irmão em seus irmãos, Jesus como pobre nos pobres, Jesus como rico nos ricos, Jesus como doutor e sacerdote nos sacerdotes, Jesus como soberano nos príncipes etc. Pois, por sua glória, ele é tudo o que há de grande sendo Deus e, pela sua vida mortal, tudo o que existe de frágil e miserável. Por isso assumiu essa infeliz condição, para estar em todas as pessoas, ser modelo de todas as condições (PASCAL, af. 785)

Em Jesus temos a sacralização do tempo e de toda natureza. Todo conhecimento de Deus se torna visível, sem a necessidade de buscá-lo fora da natureza em um conhecimento metafísico. Os paradoxos se dissolvem, pois ele une todas as coisas, miséria e grandeza, orgulho e humildade. O retorno para si, portanto, está em se tornar uma *Alter Christu*, ou seja, aniquilar o eu insuficiente e cheio de misérias para viver o eu de Jesus Cristo.

[...] Porque é por Cristo, por seu mistério, que existem todos os tempos, com tudo o que eles contêm. Em Cristo receberam seu princípio e seu fim. Esta síntese estava predeterminada na origem: síntese do limite e do ilimitado, da medida e do que não tem medida, do finito e do infinito, do Criador e da criatura, do repouso e do movimento. Quando veio a plenitude dos tempos esta síntese tornou-se visível em Cristo, dando cumprimento aos desígnios de Deus (CLÉMENT, 2003, p. 39)

Em Jesus Cristo, no entanto, o mistério é simultaneamente revelado e velado. O Deus inacessível, pelo fato de se revelar no crucificado, é um Deus escondido, incompreensível, que desconcerta todas as afirmações e expectativas criadas sobre ele.

Máximo Confessor diz que: “A encarnação é um mistério mais inconcebível que qualquer outro”. Mesmo Deus se expressando é sempre desconhecido.¹⁴²

O fim da encarnação é estabelecer a plena comunhão entre Deus e o homem para que o homem encontre em Cristo a aceitação espontânea e a imortalidade, o que os padres do deserto chamam de deificação. Não se trata de um esvaziamento do humano, mas de sua plenitude na vida divina, porque só em Deus o homem é verdadeiramente homem.

Pascal se afastou de todos os círculos filosóficos de sua época para viver um tempo como um solitário do mosteiro de Port Royal e depois sozinho em sua casa até a morte. Tentou viver radicalmente tudo que pregava o desapego do mundo, o temor a Deus e defendeu veementemente a fé contra os que estavam buscando mudar a doutrina ou fazer da religião cristã algo conveniente que atendesse aos interesses pessoais. Diante das suas experiências com Deus e com a religião e, principalmente, da sua noção de aniquilamento do eu (desprendimento), pode-se notar traços de uma mística pascaliana, onde o conhecimento de Deus está no desconhecimento total e é na assimilação do sujeito que ama com o amado que reside a perfeição cristã.

[...] É o que a Escritura aponta ao afirmar, em tantos pontos, que aqueles que procuram a Deus O encontram. Não é nessa luz que Ele fala, “como a claridade em pleno meio dia”: não se diz que os que procuram a luz em pleno meio dia ou a água no mar acharão; então, na verdade, mister se faz que a evidência de Deus não seja dessa ordem da natureza. Por isso ela nos diz em outra parte: *Vere tu Deu absconditus*¹⁴³ (PASCAL, af. 242)

Mas não podemos desconsiderar o fato de que Pascal é o filósofo dos paradoxos e por isso a dificuldade de considerá-lo um místico. Ao mesmo tempo em que ele indica a saída de si para uma comunhão com Deus seu pensamento vem carregado de uma perspectiva pragmática pois tudo que ele escreveu sobre a condição humana e a comunhão com Deus seus resultados são passíveis de verificação e confirmação por qualquer um.

Mas Pascal se dá conta de que o objetivo da vida não está no eu e sim na participação da vida de Cristo. Podemos, com isso, relacionar mais uma vez Pascal a São Francisco que perguntava “quem és Tu e quem sou eu”, não para expressar uma forma de conhecimento, mas de fundir-se com o divino a ponto de não saber quem se é. A vida

¹⁴² D’ABREU, Rochelle Cysne Frota. **Breve abordagem de aspectos religiosos em Dostoiévski**. Texto da aula apresentada em junho de 2000 na UCB. Não publicado.

¹⁴³ Ès realmente Deus oculto (Isaiás, 45, 15)

interior, dessa forma, transforma a exterior pelo aniquilamento de eu egoísta e a busca pela identificação com Jesus Cristo.

A razão é um caminho de se buscar o conhecimento de Deus, segundo Pascal mas, ao mesmo tempo, é preciso suspendê-la devido o mistério ultrapassar suas capacidades de intelecção. Só que essa suspensão se dá racionalmente, de forma que ela sabe que está sendo suspensa. Com isso, o francês nos aponta a douda ignorância para conhecermos, ou melhor, para desconhecemos e conhecermos a Deus em seu infinito mistério.

Contudo, se chegou à conclusão de que, de acordo com o pensamento de Blaise Pascal, a insuficiência do homem encontra sua suficiência abandonando-se na sua insuficiência. Não foi proposto, como já escrito antes, que seja superada essa insuficiência, antes se deve utilizar da razão, que marca a grandeza do homem, para reconhecer sua pequenez. Dessa forma, o caminho para o homem moderno retornar para sua condição de criatura divina e sagrada não é possível alcançar racionalmente devido sua natureza estar corrompida. E por isso o caminho proposto por Pascal é o da humildade e o da caridade. Somente o homem que se abre para essas duas dimensões, que estão no campo do sobrenatural, pode restabelecer sua dignidade nessa existência e viver de forma a ter uma dupla possibilidade de ganho. Mesmo que esse Deus, promotor dessa possibilidade de ganho, não se apresente racionalmente, o coração é capaz de sentir que há algo que o sobrepassa infinitamente.

CONCLUSÃO

Realizar uma reflexão teórica com base nas ideias do filósofo Blaise Pascal é um desafio bastante instigador, pois trata-se de um autor que contém poucos escritos traduzidos para o português e, por isso, é difícil apresentar muitas nuances de seu raciocínio. Devido à ampla possibilidade de interpretações que visivelmente percebemos quando se leem os escritos pascalianos, facilmente pode-se perder a análise e a compreensão correta, ocasionando distorções das próprias ideias do autor que as defendeu com tanto afínco.

O próprio filósofo, em sua época, recebeu bastante críticas daqueles que não compreenderam ao certo seu pensamento sendo, muitas vezes, tachado de paradoxal. Diante de tais julgamentos Pascal, em seu livro *Pensamentos*, critica os filósofos que buscavam encontrar os fundamentos da sua existência na razão. Um deles que Pascal critica é Descartes, chegando a se referir a ele como incerto e inútil (PASCAL, af. 78).

No decorrer de todo este trabalho buscou-se apresentar uma avaliação da insuficiência do novo modelo de homem formado no pensamento moderno. O estudo da insuficiência humana, então, foi feito à luz do principal texto das obras de Pascal, mais especificamente a obra: *Pensamentos*.

O foco dado ao estudo da insuficiência humana foi o do sentido de qualidade essencial do homem, como ser superior ao animal dado que, para Pascal, o pensamento constitui a própria essência do homem. Enfim, tomar consciência de ser homem é tomar consciência de ser alguém insuficiente e carente ontologicamente do Sobrenatural.

O reconhecimento da grandeza do homem, devido sua capacidade de pensar, é a primeira consideração que pode ser feita do homem no pensamento pascaliano. Mas, embora haja no pensamento do autor um grande esforço para ressaltar essa marca da grandeza do homem, esta não o faz suficiente pois, devido sua natureza decaída com o pecado, o homem está sujeito a ser insuficiente e a verdadeira grandeza está em reconhecer a sua miséria e a necessidade que tem de Deus.

O grande diferencial da filosofia pascaliana é o otimismo diante do absurdo da incompreensibilidade de si e do mundo. Dessa forma, Pascal se aproxima mais do pensamento medieval do que propriamente do pensamento moderno pois os medievos compreendiam que há razões que estão fora de nosso campo de compreensão e isso não era signo de insuficiência e sim de suficiência. Era afirmar que o homem não se compreende por fazer parte de algo maior do que ele mesmo.

A ideia de insuficiência humana sugere uma nova forma de concepção do homem, agora pautada na identificação com seu Criador, ou seja, o homem caiu na miséria de afastar-se de Deus e agora precisa buscar assemelhar-se a esse mesmo Deus para alcançar uma suficiência mesmo na insuficiência. No entanto, essa busca é constante e a dúvida acerca da possibilidade de alcançar a beatitude é o que estimula no homem o desejo de alcançá-la.

O homem moderno buscava ser autônomo e, como consequência, o seu coração se enchia de uma série de artifícios que o impediam de pensar na sua verdadeira condição. Vimos como Pascal é atual ao demonstrar que os divertimentos são formas de retirar o homem de si mesmo levando-o a pensar que ele pode tudo, mesmo abandonando suas razões essenciais e se entregando a verdades que só sugerem aparentes estados de suficiência, mas só o afundam mais ainda em sua miséria.

A impossibilidade considerada por Pascal de uma suficiência humana parece sugerir um pessimismo quanto à condição do homem. Porém não podemos perder de vista que a maior parte das críticas que Pascal fez acerca da forma de concepção do homem estava

buscando responder ao homem que se formava ao longo dos seiscentos, principalmente aos humanistas e libertinos. Dessa forma, em nosso trabalho, procuramos não associar Pascal ao pessimismo aparente que se vê quando ele critica esses grupos revolucionários. Esses debates foram abordados mas procuramos ir além deles apresentado a redenção do homem na figura de Jesus Cristo.

Percebe-se, mais do que uma formulação filosófica de um homem suficiente que propicie satisfação e quietude, a ideia de semelhança com Deus, esse revelado na pessoa de Jesus Cristo, apresenta-se como abertura para a *caritas* e, com isso, o compromisso para com toda a criação. Assim, toda sua noção de insuficiência humana gira em torno de uma busca por assemelhar-se a Jesus Cristo e, com isso, fazer parte de um todo, ser um projeto e ter responsabilidade com a vida.

Por fim, podemos considerar Pascal um profeta que destemidamente rompeu com os modelos racionalistas de sua época para anunciar uma verdade que expressava não uma conformação mas gerava insatisfação. Isso porque o francês denunciava o orgulho que se instaurava no coração do homem que se recusava a fazer parte de uma criação e admitir que sua razão não era capaz de conceber ideias claras, distintas e indubitáveis.

ABSTRACT

The aim of this work is to analyze the human condition in Blaise Pascal's "Thoughts" and the philosopher's inquiries about the modern man who seeks to be autonomous and dominating nature, but at the same time is marked by the trace of emptiness and nothing inscribed in the depths of his being. Attempts are made to analyze the paradoxical man who carries within himself the greatness - due to his capacity to think - and misery - due to his fallen nature - and to propose a reconciliation between these two dimensions through the Christian faith, a path that is indispensable for a total integration of human being. Finally, the possibility of breaking with the "tragic" condition of man and the possibility of one day joining human finiteness will be sought in the annihilation of the "I" and in the experience of the "I" of Jesus Christ with the infinity of God.

Key-words: greatness; misery; reason; insufficiency; men; God; Jesus Christ

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. J. Oliveira. S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 2004
- ATALLI, Jaques. **Blaise Pascal ou gênio francês**. Trad. Ivone Castilho Benedetti. Bauru-SP: EDUSC, 2003
- CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- CLÉMENT, Olivier. **Fontes: Os Místicos Cristãos dos Primeiros Séculos**. Juiz de Fora- MG: Edições Subiaco, 2003
- DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- GASTON, Henri Gouhier. **Blaise Pascal: Conversão e Apologética**. Trad. Éricka Marie Itokazu e Homero Santiago. São Paulo: Paulus, 2005
- GUÉNON, René. **A Crise do Mundo Moderno**. Trad. Bete Torii. São Paulo: Veja, 2007
- HRYNIEWICZ, Severo. **Para Filosofar Hoje**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ed Lumen Juris, 2008.
- LEBRUN, Gérard. **Blaise Pascal: Voltas Desvios e Reviravoltas**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MARTON, Scarlett. Pascal: A busca do ponto fixo e a prática do anatomia moral. **Revista Discurso**, nº 24, São Paulo: Discurso Editorial, 1994.
- MONDIM, Battista. **O homem: quem ele é?: Elementos de Antropologia filosófica**. Trad. R. Leal Ferreira e M. A. S Ferrari. São Paulo: Paulus, 1980
- _____. **Quem é Deus? Elementos de teologia filosófica**: Trad. José Maria de Almeida. São Paulo: Paulus, 1997
- _____. **Curso de Filosofia: Os filósofo do ocidente**. Trad: Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1981. (coleção filosofia-2)
- MORENTE, Manuel Garcia. “O sistema de Descartes”. In: **Fundamentos de Filosofia**. Trad. Guilherme De La Cruz Coronado. São Paulo: Mestre Jou, 1964.
- NASCIMENTO, Jussara dos Santos. **Os Paradoxos da Condição Humana: Um estudo sobre a condição humana em Pascal**. São Carlos: UFScar, 2006 Disponível em:<<http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/4f05d602b659c.pdf>> acesso em 10/10/2018
- NICOLA, Ubaldo. **Antologia ilustrada de Filosofia: das origens à idade moderna**. Trad: Maria Margherita De Luca. São Paulo: Globo, 2005.
- PASCAL. **Pensamentos**. Consultoria: Marilena Chauí. São Paulo: Nova Cultura, 2005.
- PONDÉ, Luiz Felipe. **Conhecimento na Desgraça: Ensaio de Epistemologia Pascaliana**. São Paulo: USP, 2004.
- _____. **O homem insuficiente: Comentários de Antropologia pascaliana**. São Pauo: USP, 2001.
- TOMATIS, F. **O Argumento Ontológico: A existência de Deus de Anselmo a Schelling**. São Paulo: Paulus, 2003.
- ZILLES, U. **Filosofia da Religião**. São Paulo: Paulinas, 1991.
- PARRAZ, Ivonil. **O existencialismo em Pascal**. palestra apresentada na XXVI Jornada de Filosofia e Teoria da Ciências Humanas – a filosofia da existência e a tragédia moderna, FFC/UNESP – Marília, em 07 de Nov de 2018.